

DEPÓSITO LEGAL
- 0. AGO. 1967

INTERNATIONAL

FÁTIMA • 50

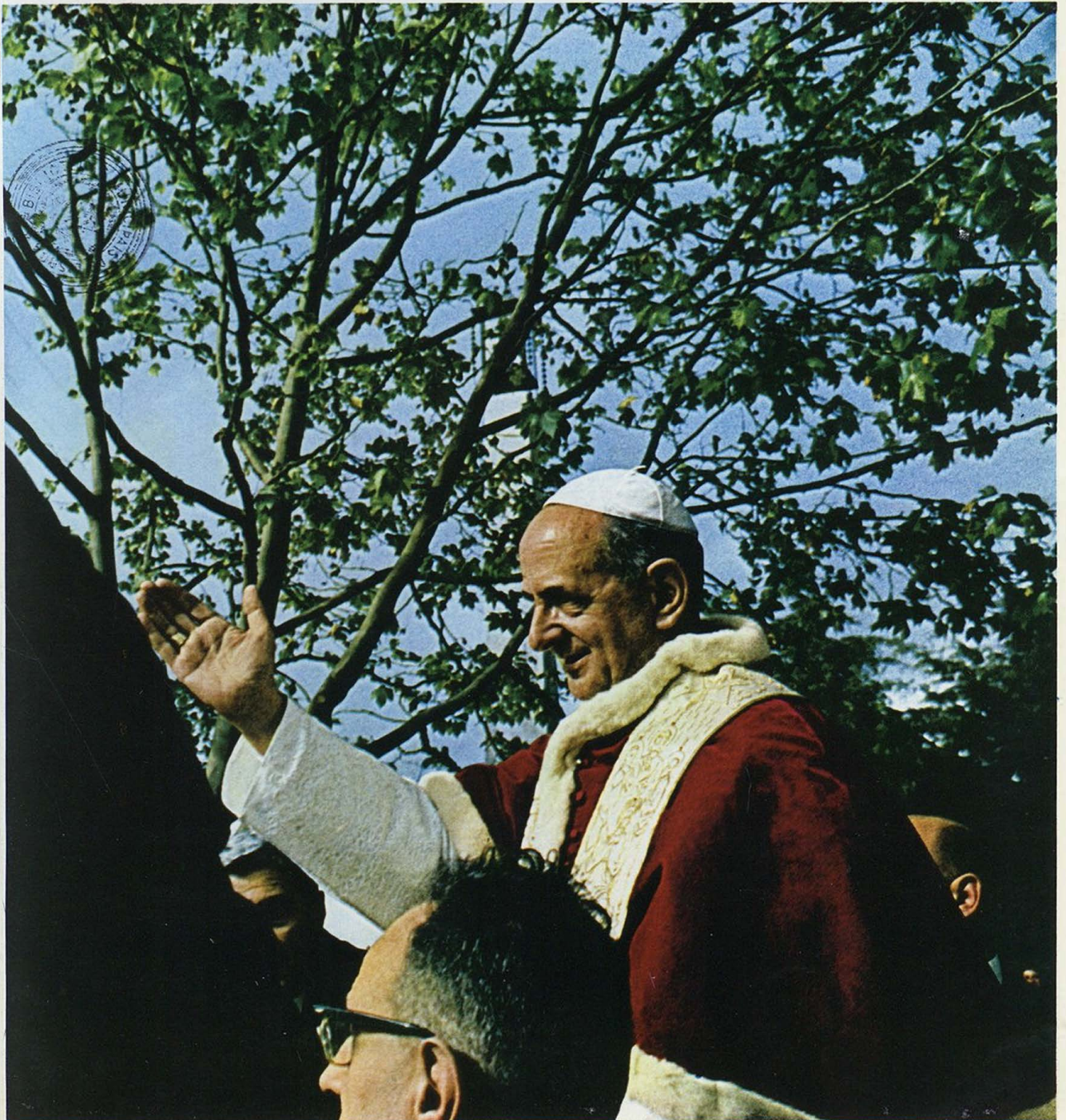
Ano I - Nº 3

13/Julho/1967

Neste número:

CRÓNICA DA VISITA DE PAULO VI A FÁTIMA

Exclusivos: OFERTA DE FLORES DO MUNDO PORTUGUÊS
PEREGRINAÇÃO DA JUVENTUDE





Paulo VI veio, ao nosso encontro em Fátima e convidou-nos a irmos ao seu encontro em Roma. Aqui, recebêmo-lo milhões de portugueses. A Roma irá, sem dúvida, uma digna representação de todos os portugueses.

A
NOSSA
RESPOSTA
AO
PAPA

O Papa veio em peregrinação ao Santuário da Fátima. Veio como peregrino a orar pela paz. Mas não podemos esquecer-nos de que Fátima está na Diocese de Leiria, em Portugal. O Santuário não pode agradecer ao Papa nem pagar-lhe a visita. Quem o tem de fazer somos nós, os leirienses, os portugueses.

As palavras que o Papa disse na Fátima e a mensaagem riquíssima que nos trouxe são para todo o Mundo, para todos os Povos. Não há dúvida, porém, de que tal como na Fátima, a maior parte da multidão que o via e ouvia era constituída por portugueses que estavam na vanguarda do auditório imenso que através da Rádio e da Televisão tomava contacto com o Papa. Também agora os portugueses temos obrigação de ocupar os primeiros lugares na resposta pronta e generosa e na dócil aceitação da sua orientação pastoral.

Embora riquíssima em maravilhosos pormenores, a mensagem do Papa cifra-se num encaminhar fiel e firme da nossa devoção filial mais fervorosa do que nunca, para a Mãe de Deus e nossa Mãe, e, por Ela e por um regresso ao cumprimento da Lei de Deus, centrar tudo em Cristo. É a explanação eloquente do velho próloquio tão actual hoje como no princípio: «**Per Mariam ad Jesum**». E a palavra do Papa, Vigário de Cristo e Chefe da Igreja, eleva-se na Fátima e ecoa em todo o Mundo no mais perfeito unísono com a Mensagem de Maria há cinquenta anos nesta cova agreste da Serra d'Aire.

É tempo de a ouvirmos. A isto fundamentalmente se encaminha a comemoração do Cinquentenário das Aparições. Quem se recusará?

Ao falar-nos, o Santo Padre convidou-nos a pagar-lhe a visita em Roma e durante o 19.º Centenário de São Pedro e São Paulo. Uma numerosa e brilhante representação de Bispos portugueses com o Senhor Bispo de Leiria e o Senhor Cardeal Patriarca de Lisboa já se deslocou a Roma para agradecer pessoalmente ao Santo Padre a honra e a alegria da sua vinda à Fátima, mas não basta. Também nós temos de ir. Não poderemos ir todos, mas muitos podem. É a hora de saber, sendo preciso, trocar uma excursão turística ou uma viagem de prazer por uma peregrinação à cidade santa de Roma. A Peregrinação Nacional a Roma, segundo consta, realiza-se em Setembro. A data, o programa e as várias modalidades da viagem, dentro de bem pouco virão a público.

«FÁTIMA-50» terá o maior prazer em fornecer explicações, informações e em receber as vossas inscrições. Mas o que é preciso, para consolação e alegria do Papa, para honra do nosso Venerando Episcopado e da nossa Terra, é que a Peregrinação Portuguesa ocupe o primeiro lugar ou um dos primeiros entre as várias Nações católicas neste «Ano da Fé». Está nas nossas mãos: tanto basta para que assim seja.

O terceiro ponto da nossa resposta vai ser constituído por uma lembrança imorredora gravada num bronze. Neste Ano Cinquentenário será inaugurado na Cova da Iria um monumento a recordar aos vindouros a peregrinação do Santo Padre o Papa Paulo VI ao Santuário. Dir-se-á que o Santuário o podia fazer pagando-o totalmente com as esmolas dos fiéis, e talvez... Mas é preciso que naquele monumento fique bem expressa a gratidão de todos os portugueses desde os mais altamente colocados e mais bafejados pela fortuna até aos mais humildes dos nossos irmãos pobrezinhos. Daí o apelo que fazemos a todos para com os seus donativos generosos ou com as suas migalhinhas concorrerem para a concretização deste pensamento. Se, como é de crer, a quantia junta exceder as centenas de contos necessários para o monumento, o resto irá ajudar a pagar as despesas já feitas, de milhares de contos, com a preparação e a realização da primeira parte das comemorações. Ninguém, creio eu, deixará de aprovar que se dê este destino ao que porventura sobrar dessa subscrição. Todos aqueles que desejarem contribuir enviem desde já o seu óbulo, pequeno ou grande, à seguinte direcção: Comissão Central do Cinquentenário — Monumento a Paulo VI — Fátima. Poderão mandá-la em cheque, vale de correio ou carta com valor declarado. E a todos os que generosamente nos vierem ajudar e quiserem contribuir enviando-nos a sua oferta, diremos como outrora diziam na minha aldeia os pobres que passavam a pedir: Deus lhes acrescente o que fica!

O DIRECTOR



UM GRANDE SINAL...

EXORTAÇÃO PASTORAL AOS BISPOS DO MUNDO INTEIRO SOBRE O CULTO DEVIDO À VIRGEM MARIA

INTRODUÇÃO

O sinal grandioso que o Apóstolo S. João viu no céu: «uma Mulher vestida de sol» (cf. Apoc. 12,1), não sem fundamento o interpreta a sagrada Liturgia (1) como referindo-se à Santíssima Virgem Maria, Mãe de todos os homens pela graça de Cristo Redentor.

Está ainda viva, Veneráveis Irmãos, no Nosso ânimo a recordação da grande emoção sentida ao proclamar a augusta Mãe de Deus como Mãe espiritual da Igreja e, portanto, de todos os fiéis e dos sagrados Pastores, a coroar a terceira sessão do Concílio Ecuménico Vaticano II, após ter solenemente promulgado a Constituição Dogmática *Lumen gentium* (2). Grande foi também a exultação quer de muitíssimos Padres Conciliares, quer dos fiéis presentes ao sagrado rito na Basílica de S. Pedro e de todo o povo cristão espalhado pelo Mundo. Espontânea tornou então à mente de muitos a recordação do primeiro grandioso triunfo alcançado pela humilde *Serva do Senhor* (cf. Luc. 1/38) quando os Padres do Oriente e do Ocidente, reunidos em Concílio Ecuménico em Éfeso, no ano de 431, saudaram Maria como *Theotokos*: Mãe de Deus. À exultação dos Padres associou-se com jubiloso ímpeto de fé a população cristã da ilustre cidade, que os acompanhou com archotes às suas residências. Oh! com que maternal complacência, naquela hora gloriosa para a história da Igreja, a Virgem Maria terá observado Pastores e fiéis, reconhecendo nos hinos de louvor que se elevavam em honra principalmente do Filho, e depois em Sua honra o eco do cântico profético que Ela própria, por impulso do Espírito Santo, tinha elevado ao Altíssimo: enaltece a minha alma ao Senhor ... porque olhou para a humilde condição da Sua *Serva*. De facto, desde agora me hão-de chamar ditosa todas as gerações, porque me fez grandes coisas o Omnipotente. (Luc. 1,46, 48-49).

Aproveitando a ocasião das cerimónias religiosas que têm lugar nestes dias em Fátima, Portugal, em honra da Virgem Mãe de Deus, onde Ela é venerada por numerosas multidões de fiéis pelo seu Coração maternal e compassivo (3), Nós desejamos mais uma vez chamar a atenção de todos os filhos da Igreja para o inseparável nexa tão amplamente ilustrado na Constituição Dogmática *Lumen gentium* (4), para com Ela, como Mãe da Igreja, existente entre a maternidade espiritual de Maria e os deveres dos homens remidos.

Uma vez admitido, com efeito, perante os numerosos testemunhos oferecidos pelos Textos Sagrados e pelos Santos Padres e recordados na mencionada Constituição, que Maria, Mãe de Deus Redentor (cf. L. G. 53) foi a ele unida por vínculo estreito e indissolúvel (ibid.) e que teve uma singularíssima função ... no mistério do Verbo Incarnado e do Corpo Místico (L. G. 54), quer dizer na economia da salvação (L. G. 55) parece evidente que a Virgem, não só por ser a Mãe Santíssima de Deus, e como tal haver interferido nos mistérios de Cristo (L. G. 66), mas também por ser Mãe da Igreja (5), é pela mesma Igreja venerada com culto especial (cf. L. G. 66) particularmente o litúrgico (cf. L. G. 67).

Nem é de temer que a reforma litúrgica, se efectuada segundo a fórmula: A lei da fé deve estabelecer a lei da oração (6) possa vir em detrimento do culto de todo singular (cf. L. G. 66) devido a Maria Virgem pelas Suas prerrogativas, entre as quais ressalta a dignidade de Mãe de Deus. E nem mesmo, pelo contrário, se deve temer que o incremento do culto, tanto litúrgico como privado, a Ela dedicado, possa ofuscar ou diminuir o culto de adoração, que é prestado ao Verbo Incarnado, e do mesmo modo ao Pai e ao Espírito Santo (L. G. 66).

Portanto, sem querer aqui, Veneráveis Irmãos, apresentar no seu conjunto a doutrina tradicional respeitante à função da Mãe de Deus no plano da salvação e as relações d'Ela com a Igreja, Nós julgamos fazer algo de grande utilidade para as almas dos fiéis, se nos detivermos a considerar duas verdades muito importantes para a renovação da vida cristã.

PRIMEIRA PARTE

O CULTO DEVIDO A MARIA COMO MÃE DA IGREJA

1. Maria SS.ma Mãe espiritual perfeita da Igreja

A primeira verdade é esta: Maria é Mãe da Igreja não apenas por ser Mãe de Jesus Cristo e Sua íntima colaboradora na nova Economia, quando o Filho de Deus assume d'Ela a natureza humana, para mediante os mistérios da Sua carne libertar o homem do pecado (L. G. 55), mas também porque reflete a toda a comunidade dos eleitos como modelo de virtude (cf. L. G. 65, também o n.º 63) como na verdade, cada mãe humana não pode limitar a sua missão à geração de um novo homem, mas deve alargá-la à nutrição e à educação da prole, também assim se comporta a Bem-aventurada Virgem Maria. Depois de ter participado no sacrifício redentor do Filho, e de maneira tão íntima que Lhe fez merecer ser por Ele proclamada Mãe não só do discípulo João, mas — seja consentido afirmá-lo — do género humano, por este de algum modo representado (7), Ela continua agora no céu a cumprir a Sua função materna de cooperadora no nascimento e no desenvolvimento da vida divina em cada alma dos homens remidos. Esta é uma consoladora verdade, que por livre beneplácito do sapientíssimo Deus faz parte integrante do mistério da salvação humana; por isso ela deve ser considerada como de fé por todos os cristãos.

2. Maria Mãe espiritual mediante a Sua intercessão junto do Filho

Mas de que modo coopera Maria no crescimento dos membros do Corpo Místico na vida da graça? Em primeiro lugar mediante a Sua incessante súplica, inspirada por uma ardente caridade. A Virgem Santa, de facto, embora feliz pela visão da Augusta Trindade, não esquece os Seus filhos que caminham como Ela outrora na peregrinação da fé (L. G. 58), pelo contrário, contemplando-os em Deus e vendo bem as suas necessidades, em comunhão com Jesus Cristo que está sempre vivo para interceder por eles (Heb. 7,25) deles se constitui Advogada, Auxiliadora, Amparo e Mediadora (cf. L. G. 62). Desta Sua ininterrupta intercessão junto do Filho pelo Povo de Deus, a Igreja tem estado desde os primeiros séculos persuadida, como o testemunha esta antiquíssima antífona que, com algumas ligeiras diferenças, faz parte da oração litúrgica tanto no Oriente como no Ocidente: «à tua protecção nos acolhemos ó Mãe de Deus; não desprezes as nossas súplicas nas necessidades, mas salva-nos dos perigos ó (tu) que só (és) a bendita (8). Nem se pense que a intervenção maternal de Maria traga prejuízo à eficácia predominante e insubstituível de Cristo, nosso Salvador, pelo contrário, ela tira a sua força da mediação de Cristo e é dela uma prova luminosa (cf. L. G. 62).

3. Maria Educadora da Igreja com a fascinação das Suas virtudes

Não se esgota, porém, no patrocínio junto do Filho a cooperação da Mãe da Igreja no desenvolvimento da vida divina nas almas. Ela exerce sobre os homens remidos uma outra influência: a do exemplo. Influência, na verdade, importantíssima, segundo a conhecida máxima: «As palavras movem, mas o exemplo arrasta». Realmente, tal como os ensinamentos dos pais adquirem eficácia bem maior se são apoiados pelo exemplo duma vida dentro das normas da prudência humana e cristã, assim também a suavidade e o encanto das excelsas virtudes da Imaculada Mãe de Deus atraem de maneira irresistível os ânimos para a imitação do divino modelo, Jesus Cristo, de que Ela foi a mais fiel imagem. Por isso o Concílio declarou: A Igreja, reflectindo piedosamente sobre Maria e contemplando-A à luz do Verbo feito homem, cheia de respeito, mais e mais no íntimo do altíssimo mistério da Incarnação vai tomando cada vez mais a semelhança do seu Esposo (LG 65).

4. A santidade de Maria, luminoso exemplo de perfeita fidelidade à graça

É bom, além disso, ter presente que a eminente santidade de Maria não foi apenas um dom singular da liberalidade divina: foi também o fruto da contínua e generosa correspondência da Sua livre vontade às moções interiores do Espírito Santo. É por motivo da perfeita harmonia entre a graça divina e a actividade da Sua natureza humana que a Virgem rendeu suprema glória à Santíssima Trindade e se tornou honra insigne da Igreja, que como tal a saúda na Sagrada Liturgia: Tu (és) a glória de Jerusalém, tu (és) a alegria de Israel, tu (és) a honra do nosso povo (9).

5. Exemplo de virtudes marianas nas páginas do Evangelho

Nas páginas do Evangelho admiramos os testemunhos de tão sublime harmonia. Maria, logo que obteve a certeza pela voz do Anjo Gabriel que Deus a elegia para Mãe do Seu Filho Unigénito, sem qualquer hesitação, deu o Seu consentimento para uma obra na qual teria de empregar todas as energias da Sua frágil natureza, declarando: Eis a Serva do Senhor, seja-me feito segundo a tua palavra (Luc. 1,38). Desde esse momento, Ela consagrou-se inteiramente ao serviço, não apenas do Pai celeste e do Verbo Incarnado, tornado Seu filho, mas também de todo o género humano, pois compreendeu bem que Jesus, além de salvar o Seu povo da escravidão do pecado, seria o Rei de um Reino messiânico, universal e eterno (cf. Mat. 1,21; Luc. 1,33).

6. Maria, serva do Senhor, desde a Anunciação até à gloriosa Assunção

Por este motivo, a vida da imaculada Esposa de José, virgem no parto e depois do parto — como sempre acreditou e professou a Igreja Católica (10) e como convinha Aquela que tinha sido elevada à dignidade incomparável da maternidade divina (11) —, foi uma vida de perfeita comunhão com o Filho, partilhando com Ele alegrias, dores e triunfos. E mesmo depois de Jesus subir ao céu, ficou unida a Ele por um ardentíssimo amor, enquanto cumpria com fidelidade a nova missão de Mãe espiritual do discípulo predilecto e da Igreja nascente. Pode afirmar-se, assim, que toda a vida da humilde Serva do Senhor, desde o momento em que foi saudada pelo Anjo até à Sua Assunção em alma e corpo à glória celeste, foi uma vida de amoroso serviço.

Nós, portanto, associando-nos aos Evangelistas, aos Padres e aos Doutores da Igreja, recordados no Concílio Ecuménico, na Constituição Dogmática *Lumen gentium* (cap. VIII), cheios de admiração, contemplamos Maria, firme na fé, na obediência, pronta, simples na humildade exultante no louvor do Senhor, ardente na caridade, forte e constante no cumprimento da Sua missão até ao holocausto de si própria, em plena comunhão de sentimentos com o Seu Filho que se imolava na cruz para dar aos homens uma vida nova.



7. Justo culto de louvor e de gratidão à Mãe da Igreja

Pois bem, perante tanto esplendor de virtudes o primeiro dever de quantos reconhecem na Mãe de Cristo o modelo da Igreja é o de em união com Ela render graças ao Altíssimo por ter realizado em Maria tão grandes obras em benefício da Humanidade inteira. Mas não basta. É igualmente dever de todos os fiéis tributarem à fidelíssima Serva do Senhor um culto de louvor, de reconhecimento e de amor uma vez que segundo a sapiente e suave disposição divina o Seu livre consentimento e a Sua generosa cooperação nos designios de Deus tiveram e continuam a ter uma grande influência na realização da salvação humana (cf. LG 56). Por este motivo cada cristão pode fazer sua a invocação de S.^{to} Anselmo: **Ó gloriosa Senhora, faz com que por Ti mereçamos chegar até Jesus, Teu Filho, que por Teu intermédio se dignou descer até nós** (12).

SEGUNDA PARTE

DEVOTA IMITAÇÃO DAS VIRTUDES DE MARIA SANTÍSSIMA

1. A verdadeira devoção a Maria Santíssima leva à imitação das Suas virtudes

Porém nem a graça do Redentor divino, nem a intercessão poderosa da Sua Mãe e nossa Mãe espiritual, nem a Sua excelsa santidade poderiam conduzir-nos ao porto da salvação, se a tudo isso não correspondesse a nossa perseverante vontade de honrar Jesus Cristo e a Virgem Santa com a devota imitação das Suas sublimes virtudes.

É, pois, dever de todos os Cristãos imitar com espírito reverendo os exemplos de bondade que lhes foram deixados pela Mãe do Céu. É esta, Veneráveis Irmãos, a outra verdade sobre a qual Nos agrada chamar a vossa atenção e a dos filhos confiados aos vossos cuidados pastorais, para que eles aceitem favoravelmente a exortação dos Padres do Concílio Vaticano II: **Recordem-se os fiéis de que a devoção autêntica não consiste em sentimentalismo estéril e passageiro, ou em vã credulidade, mas procede da fé verdadeira que nos leva a reconhecer a excelência da Mãe de Deus e nos incita a um amor filial para com a nossa Mãe, e à imitação das Suas virtudes** (13).

É a imitação de Jesus Cristo, indubitavelmente, o régio caminho a percorrer para chegar à Santidade e para imprimir em nós mesmos, segundo as próprias forças, a perfeição absoluta do Pai Celeste. Mas, se a Igreja Católica sempre proclamou esta verdade tão sacrossanta, também afirmou que a imitação da Virgem Maria, longe de afastar as almas do fiel seguimento de Cristo, o torna mais amável, mais fácil; na verdade, havendo Ela cumprido sempre a vontade de Deus, mereceu em primeiro lugar o elogio que Jesus dirige aos Seus discípulos: **Todo aquele que fizer a vontade de meu Pai que está nos Céus, esse é que é meu irmão, minha irmã e minha mãe** (Mat. 12,50).

2. «Per Mariam ad Jesum»

É, também, válida para a imitação de Cristo a norma geral: «Per Mariam ad Jesum». Não se perturbe, porém, a nossa fé, como se a intervenção duma criatura em tudo semelhante a nós, menos no pecado, ofendesse a nossa dignidade pessoal e impedisse a intimidade e a nossa relação imediata de adoração e de amizade com o Filho de Deus. Reconheçamos antes a bondade de Deus nosso Salvador (cf. Tit. 3,4), o qual, condescendendo com a nossa miséria tão afastada da Sua infinita santidade, nos quis ajudar a imitá-la propondo-nos o modelo da pessoa humana de Sua Mãe. Ela, na verdade, entre as criaturas humanas oferece o exemplo mais brilhante e, ao mesmo tempo, mais perto de nós daquela perfeita obediência com o qual nos conformamos amorosa e prontamente aos desejos do Pai eterno; e o próprio Cristo, como bem sabemos, foi nesta plena adesão à vontade do Pai que disse estar o ideal supremo da Sua conduta humana, ao declarar: **Eu sempre faço o que é do Seu agrado** (Jo. 8,29).



3. Maria, nova Eva, Aurora do Novo Testamento

Se pois contemplarmos a humilde Virgem de Nazaré na auréola das Suas prerrogativas e das Suas virtudes, vê-La-emos refulgir ao nosso olhar como a Nova Eva (14), a excelsa Filha de Sião, o vértice do Antigo Testamento e a aurora do Novo, no qual se realizou a plenitude do tempo (Gál. 4,4), predestinada por Deus Pai para enviar o Seu Filho Unigénito ao Mundo. Na verdade, a Virgem Maria, mais do que todos os patriarcas e profetas, mais do que o justo e piedoso Simeão, obteve e implorou a consolação de Israel... o Messias do Senhor (Luc. 2,25-26), e saudou a Sua vinda com o hino do Magnificat, quando Ele desceu ao Seu castíssimo seio, para nele assumir a nossa carne. Por isso, é em Maria que a Igreja aponta o exemplo do mais digno modo de receber no nosso espírito o Verbo de Deus, consoante a luminosa sentença de S.^{to} Agostinho: **Mais bem-aventurada, pois, foi Maria em receber a fé em Cristo, do que em conceber a carne de Cristo. A consanguinidade materna, portanto, de nada teria servido a Maria, se Ela não se tivesse sentido mais feliz em acolher Cristo no Seu Coração, que no Seu seio (42).** E ainda é n' Ela que os Cristãos podem admitir o exemplo de como realizar, com humildade insigne e grandeza de ânimo, a missão que a cada um neste Mundo Deus confia, em ordem à sua própria salvação eterna e à do próximo.

Portanto, vo-lo rogo, tornai-vos meus imitadores, como eu o sou de Cristo (1 Cor. 4,16). Estas palavras, com maior razão do que Paulo aos cristãos de Corinto, põe a Mãe da Igreja dirigi-las à multidão dos crentes que, em uníssono de fé e de amor com as gerações dos séculos passados, A aclamam como bem-aventurada (cf. Luc. 1,48). É um convite a que devemos prestar dócil atenção.

4. Mensagem mariana de convite à oração, à penitência, ao temor de Deus

Há, assim, uma mensagem de suma utilidade, que parece chegar hoje aos fiéis da parte d'Aquela que é a Imaculada, a toda santa, a cooperadora do Filho na obra de restauração da vida sobrenatural das almas (LG 61). Contemplando devotamente Maria, eles de facto conseguem d'Ela incitamento à oração confiante, à prática da penitência, ao temor de Deus.

E é igualmente nesta meditação mariana que eles ouvem as mais das vezes ressoar aquelas palavras com que Jesus Cristo, anunciando estar perto o Reino dos Céus, dizia: Arrependei-vos e acreditai na Boa Nova (Marc. 1,15; cf. 3,2, 4,17); e a sua severa advertência: **Se não vos arrependerdes, perecereis todos de maneira semelhante (Luc. 13,5).**

Movidos, assim, pelo amor e pelo propósito de aplacar Deus, tão ofendido na Sua santidade e na Sua justiça, e animados também pela confiança na Sua infinita misericórdia, devemos suportar os sofrimentos espirituais e corporais, a fim de expiarmos os nossos pecados e os do próximo e evitarmos assim a dupla pena, de dano e de sentidos, isto é, a perda de Deus, sumo Bem, e o fogo eterno (cf. Mat. 25,1; LG 48).

5. O próprio Cristo aponta a Mãe como modelo da Igreja

O que deve ainda estimular mais os fiéis a imitar os exemplos da Virgem Santíssima, é o facto de o próprio Jesus, tendo-Lha dado por Mãe, implicitamente a ter apontado como modelo a imitar. De facto, é natural que os filhos tenham os mesmos sentimentos que as mães e que lhes imitem orações e virtudes. Portanto, assim como cada um de nós pode repetir com S. Paulo: **O Filho de Deus amou-me e entregou-se a Si mesmo por mim.** (Gál. 2,20; cf. Ef.-5,2), do mesmo modo com igual confiança pode acreditar que o Salvador Divino lhe deixou, também a ele, em herança espiritual a Sua própria Mãe, com todos os tesouros de graça e de virtude de que A tinha cumulado, a fim de que os derramasse sobre nós, como efeito da Sua poderosa intercessão e da nossa corajosa imitação. É por isso que com razão S. Bernardo afirma: **Vindo a Ela o Espírito Santo, encheu-A de graça por Ela mesma; inundando-a novamente o mesmo Espírito, Ela tornou-se superabundante e transbordante de graça também para nós (15).**

6. A história da Igreja, sempre iluminada pela presença edificante de Maria

De tudo que temos vindo a expor, à luz do Evangelho e da tradição católica, resulta evidente que a maternidade espiritual de Maria transcende o espaço e o tempo e pertence à história universal da Igreja, porque nesta sempre Ela esteve presente com a Sua maternal assistência. Igualmente fica claro o sentido da afirmação, tão frequentemente repetida: a nossa época pode bem dizer-se a era de Maria. Se é verdade, com efeito, que hoje, por uma graça insigne do Senhor, vastas camadas do povo cristão compreendem mais profundamente o papel providencial de Maria Santíssima na história da salvação, isso não deve todavia fazer-nos pensar que as épocas passadas não entenderam de qualquer modo tal verdade ou que as futuras poderão ignorá-la. A falar verdade, todos os períodos da história da Igreja beneficiaram e não-de beneficiar da presença maternal da Mãe de Deus, pois Ela permanecerá sempre indissolúvelmente unida ao mistério do Corpo Místico de cuja Cabeça está escrito: **Jesus Cristo, ontem e hoje, é o mesmo e sê-lo-á para sempre (Heb. 13,8).**

7. A Mãe da Igreja estandarte de unidade, estímulo à perfeita fraternidade entre todos os cristãos

Veneráveis Irmãos, a convicção de que o pensamento da Igreja Católica acerca do culto de louvor, de reconhecimento e de amor, devido à Santíssima Virgem, concorda totalmente com a doutrina do Evangelho, como mais precisamente a entende e desenvolve a Tradição, quer do Oriente, quer do Ocidente, infunde-Nos a esperança de que esta Nossa pastoral exortação a uma piedade mariana cada vez mais fervorosa e frutuosa, será acolhida generosamente, não apenas pelos fiéis confiados aos vossos cuidados, mas também por aqueles que, não gozando embora da plena comunhão com a Igreja Católica, todavia admiram e veneram connosco, na Serva do Senhor, a Virgem Maria, Mãe do Filho de Deus.

Possa o Coração Imaculado de Maria brilhar doravante ante o olhar de todos os Cristãos como modelo de perfeito amor para com Deus e para com o próximo; que Ele os conduza à frequência dos Sacramentos, pelos quais as almas são purificadas das manchas do pecado e dele defendidas; os estimule além disso a reparar

as inúmeras ofensas feitas à divina Majestade, refulja, enfim, como estandarte de unidade e incite a aperfeiçoar os vínculos de fraternidade entre todos os Cristãos no seio da única Igreja de Jesus Cristo, a qual, **guiada pelo Espírito Santo, honra a Virgem Maria como Mãe amantíssima, dedicando-Lhe afecto de piedade filial** (LG. 53).

8. Convite a renovar a consagração pessoal ao Coração Imaculado de Maria

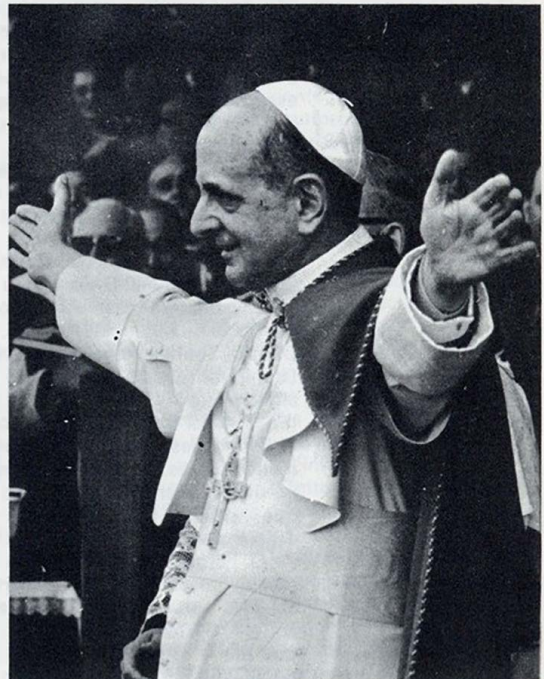
E porque este ano se comemora o XXV Aniversário da solene Consagração da Igreja a Maria, Mãe de Deus, e ao Seu Coração Imaculado, feita pelo Nosso Predecessor de santa memória, Pio XII, em 13 de Outubro de 1942, por ocasião da Rádio-Mensagem à Nação Portuguesa (16) — Consagração que Nós mesmo renovámos em 21 de Novembro de 1964 (17) — exortamos todos os filhos da Igreja a renovar pessoalmente a sua própria consagração ao Coração Imaculado da Mãe da Igreja e a viver este nobilíssimo acto de culto com uma vida cada vez mais conforme à Vontade Divina (18) e em espírito de serviço filial e de devota imitação da Sua celeste Rainha.

Exprimimos por fim, Veneráveis Irmãos, a confiança de que, incitados por vós, o clero e o povo cristão confiados ao vosso ministério pastoral corresponderão generosamente a esta Nossa Exortação, demonstrando para com a Virgem Mãe de Deus uma piedade mais ardente e uma confiança mais firme. Enquanto Nos conforta a certeza de que a excelsa Rainha do céu e nossa Mãe dulcíssima não deixará de assistir todos e cada um dos Seus filhos e não retirará de toda a Igreja de Cristo o Seu celeste patrocínio, concedemo-vos do coração, a Vós mesmos, aos vossos fiéis, em auspício dos favores divinos e em sinal da nossa benevolência, a Nossa Bênção Apostólica.

Dado em Roma, junto de São Pedro, em 13 de Maio de 1967, IV ano do nosso Pontificado.

Paulo PP. VI

- (1) Cf. Epistola da Missa da festa da Aparição da Virgem Imaculada em Lourdes. (11 de Fevereiro).
- (2) Cf. A.A.S. 57. 1965. pp. 1-67.
- (3) Pio XII — Mensagem Radiofónica de 13. Maio 1946, por ocasião da Coroação da Imagem de N.ª S.ª de Fátima (A.A.S., 38, 1946, p. 264).
- (4) Cf. Cap. VIII, Parte III — A Santíssima Virgem e a Igreja (Esta Constituição conciliar sobre a Igreja é doravante indicada nesta publicação pela sigla L.G.).
- (5) Alocução aos Padres Conciliares no Encerramento da 3.ª Sessão do Concílio Ecuménico, na festa da Apresentação de Maria (AAS 56. 1964. p. 1016).
- (6) Pio XII, Encíclica *Mediator Dei* (AAS. 39, 1947. p. 541).
- (7) LG. 58: Leão XIII. Encíclica *Adiutricem populi* (*Acta Leonis XIII*, 15. 1896, p. 302).
- (8) Cf. Dom. F. Mercenier. *L'Antienne Mariale grecque la plus ancienne*, in *Le Museón* 52, 1939, pp. 229-233.
- (9) 2.ª Antífona de Laudes, na festa da Imaculada Conceição de N.ª Senhora.
- (10) Cf. S. Leão Magno. Carta *Lectis dilectionis tuae a Flaviano* (PL. 54, 759); Carta *Licet per nostros a Juliano, bispo Coensem*. (PL 54, 803); S. Hormisdas. Carta *Inter ea quae ao imperador Justino*. (PL 63, 514); Pelágio I. Carta *Humani generis a Childeberto I*. (PL 69, 407); Concílio de Latrão. *Out. 649, can. 3* (Gaspar, ZKG, 51, 1932, p. 88); 16.º Concílio de Toledo. *Símbolo, art. 22*. (J. Madoz. *El Símbolo del Concilio XVI de Toledo in Estudios Onienses*, ser. I, vol. 3, 1946); e LG. 52, 55, 57, 59 e 63.
- (11) Cf. Sto. Tomás, *Sum. Theol.*, p. I, q. 25, a. 6, ad 4.
- (12) *Orat.* 54 (PL 158, 961).
- (13) LG 67 cf. Sto. Tomás, *Sum. Theol.*, P. II-II, q.81, a. 1, ad 1; P. II, q.25, aa. 1, 5.
- (14) Cf. S. Ireneu, *Adv. Haer.* III, 22,4 (PG 7, 959); S. Epifânio, *Haer.* 78,18 (PG 42, 728-729); S. João Damasceno. *Homil. 1 in Nativitate B.M.V.* (PG 96, 671 ss.); L.G. 56).
- (15) *Homil. 2 super Missus est, n.2* (PL 183, 64).
- (16) Cf. *Discorsi e Radiomessagi di S.S. Pio XII*, vol. IV, pp. 260-262; cf. AAS. 34, 1942, pp. 345-346.
- (17) Cf. AAS. 56. 1964. p. 1017.
- (18) Cf. Oração da festa do Imaculado Coração de Maria. (22 de Agosto).



A 13 de Julho de 1917...

A VIRGEM REVELA UM SEGREDO

Oliveira Figueiredo

A tormenta e os tormentos aumentavam dia a dia. Já não era apenas a família dos videntes a insistir com eles para que se «desmentissem», ou a gente incrédula e escarninha que se ria e mofava da suposta aparição celeste. O turbilhão começou a desencadear-se lá por dentro, no espírito dos catraios. É que, apesar de os Martos não duvidarem da sinceridade dos filhos, eles próprios, como outros, pensavam: «Não andaré por aqui o espírito do demo a enganar as almas?» E esta maléfica ideia penetrou até na alma da mais velhita dos três. A Sra. Maria Rosa não se convenciu de modo algum e andava arreliadíssima com tudo o que estava a suceder por causa da visão da filha e dos sobrinhos e, para sacudir a água do capote, como quem diz, e mais ainda para acabar com tudo, resolveu levar a filha à presença do Pároco da freguesia, então o Rev. Pe. Manuel Marques Ferreira (1913-1919), para que ele obrigasse a Lúcia a desmentir-se e depois desenganar o povo à homilia da Missa.

«Amanhã vamos à Missa logo de manhãzinha, disse a Sra. Maria Rosa à filha, como nos conta Lúcia, e depois vais a casa do senhor Prior. Ele que te castigue (ela já castigara bastante a pequena), que faça o que quiser, contanto que te obrigue a confessar que mentiste, eu fico satisfeita.» — «Minhas irmãs, continua Lúcia, faziam coro com a minha mãe e inventavam um sem número de ameaças para assustar-me com a entrevista do Pároco. Informei a Jacinta e o Francisco do que se passava e eles responderam: «Nós também vamos. O Sr. Prior mandou também recado à nossa mãe para nos levar lá mas não nos disse nada dessas coisas. Se nos baterem, paciência! Sofremos por amor de Nosso Senhor e pelos pecadores.»

No dia seguinte lá foram. Durante a Missa a Lúcia ofereceu a Deus o seu sofrimento. «Ao subir as escadas da casa do Pároco, continua o relato da Lúcia, minha mãe diz-me: «Não me rales mais! Diz ao Senhor Prior que mentiste para que ele, no Domingo, possa desenganar o povo. Isto tem lá algum jeito? Toda a gente a correr para a Cova da Iria a rezar diante de uma carrasqueira!»

Isto apesar de os pequenos já terem repetido muitas vezes: «Nós não obrigamos ninguém a lá ir: quem quer vai, quem não quer não vai. Nós é que vamos. Depois, quem não quiser acreditar, espere pelo castigo de Deus!»

O Pároco, ao contrário do que os videntes esperavam, recebeu-os afavelmente, com tranquilidade fez-lhes um pormenorizado interrogatório e expressou-se desta maneira — não podemos adivinhar o que lhe ia lá por dentro após as respostas tão ponderadas e sinceras dos garotos: «Não me parece

uma revelação do Céu. Geralmente, Nosso Senhor manda as almas a quem se manifesta, dar conta de tudo aos seus confessores ou Párcos e esta, ao contrário, retrai-se quanto pode. Pode ser um engano de demónio. O futuro o dirá.»

«Quanto estas palavras me fizeram sofrer, só Deus o sabe. Dei conta das dúvidas que principiaram a atormentar-me aos meus primos: seriam enganos do demónio para nos perder?» Jacinta respondeu: «Não é o demónio, não! Dizem que o demónio é muito feio e está debaixo da terra, no inferno, e aquela Senhora é tão bonita! E nós bem vimos como Ela subia para o Céu!»

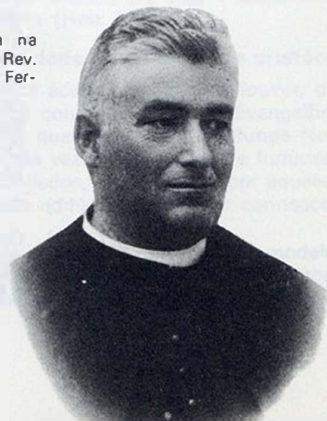
«Nosso Senhor serviu-se disto para desfazer um pouco a minha dúvida. Mas o desânimo, durante o resto do tempo foi-se apoderando de mim a tal ponto que arrefeci até na prática da mortificação e do sacrifício e cheguei a tomar a resolução de dizer que tudo aquilo era mentira e acabava-se o tormento. Meus primos dissuadiram-me: «Agora é que tu ias mentir e mentir é pecado!»

Aproximava-se o dia 13 de Julho. Na véspera, ao reparar como se juntava muito povo para assistir aos acontecimentos do dia seguinte, Lúcia comunicou aos seus primos que não iria à Cova da Iria ao encontro marcado com a Senhora: «que fossem eles e que se a Senhora perguntasse por ela, que não tinha ido por temer tratar-se do demónio.»

Porém, no dia seguinte, ao aproximar-se a hora, uma força irresistível obrigou-a a ir. Foi direita a casa dos primos e encontrou-os de joelhos a chorar e a rezar. — «Então vocês não vão? — Sem ti não nos atrevemos a ir. Anda, vem! — Eu já cá vou.»

Os três puseram-se a caminho. Mas a gente era tanta que a custo conseguiram aproximar-se da carrasqueira. Segundo diversos cálculos deviam estar presentes entre 2000 a 5000 pessoas. Entre elas, vindo no seu carro, um «Peugeot» n.º 2015, um engenheiro de Vila do Paço, Sr. Mário Godinho, a quem se deve a que se supõe ser a primeira fotografia dos videntes e aqui se publica. Ele mesmo nos conta a razão da sua presença no livro «Encontro de Testemunhas» de John Mathias Haffert: ... «Residia a 25 quilómetros de Fátima. E em Maio de 1917 falei-me acerca das aparições extraordinárias; mas a notícia chegou-nos à mistura com a fantasia do povo. Naturalmente, não acreditámos. Eu sinceramente supus que era obra da imaginação de alguém. Mas minha mãe, que era uma santa mulher, acreditou desde o princípio e pediu-me que a levasse no carro à Cova da Iria no dia 13 de Julho. Por uma pobre e miserável estrada, depois de muitas dificuldades lá conseguimos chegar. Abaixo da estrada, numa depressão do solo, vimos algumas dúzias de pessoas.

O Pároco de Fátima na altura das aparições: Rev. Pe. Manuel Marques Ferreira.



Deixámos o carro, saltámos por cima das pedras e fomos ao encontro dos três pastorinhos que tinham velas acesas nas mãos. A outra gente, como nós, aguardava a aparição. Em frente das crianças estava uma pequena azinheira. Diziam que era sobre aquela azinheira que Nossa Senhora aparecia. Falámos com os pequenos, apontámos para o nosso carro, à esquerda, e dissemos-lhes que nos encontrassem depois ali. Assim fizeram. Levámo-las para casa e fizémos-lhes muitas perguntas. Regressei muito desapontado, sinceramente convencido de que as pobres crianças se enganavam. Não me atrevi a dizer aos meus amigos que tinha ido à Cova da Iria. Ter-me-iam considerado um simplório. Suponho ter sido eu o primeiro condutor de um automóvel para a Cova da Iria e alguns anos mais tarde vi o meu carro nuns filmes sobre as aparições. Suponho ter sido eu também o primeiro a tirar a fotografia dos pastorinhos e a fazer-lhes um interrogatório formal...»

Entretanto, diante da azinheira, os pequenitos ajoelharam e Lúcia começou a reza do Terço a que o povo se associou. Chegou o meio-dia e manifestou-se a Aparição. Lúcia, ainda atormentada pela dúvida, olhava sem proferir palavra. Interveio a Jacinta: — «Vá, Lúcia, fala-Lhe! Não vês que Ela já ali está e quer falar-te?»

E a conversa começou da maneira mais simples. Uma conversa simples que iria transformar-se na mais transcendental das conversas, pois foi nesta aparição que a Virgem revelou o «segredo» aos pastorinhos.

«Vocemecê que me quer?» — A Virgem respondeu: «Não falteis aqui no próximo dia 13. Continuai a rezar o Terço todos os dias em honra de Nossa Senhora para obter a paz do Mundo e o fim da guerra, porque só Ela lhe poderá valer.»

Lúcia não ficou plenamente satisfeita com a resposta porque não a ajudava na luta interna e externa que estava a travar e para a qual estava a faltar-lhe a coragem. Por isso se afoitou uma vez mais a pedir-Lhe que dissesse quem era e, mais, que fizesse um milagre para toda a gente acreditar. A Aparição apenas respondeu: «Continuai a vir aqui todos os meses. Em Outubro direi quem sou, o que desejo e farei um milagre que todos hão-de ver para acreditarem.»

Mais Lhe pediu a Lúcia: a cura de um aleijadinho da Moita, a conversão de uma família de Fátima, as melhoras de uma mulher do Pedrógão e ainda para levar para o Céu um doente de Atouguia e quanto antes, melhor.

Resposta da Senhora: — «O aleijadinho não o curava nem tirava da sua pobreza, antes queria que ele rezasse todos os dias o Terço com a família; o doente que não tivesse pressa, pois Ela bem sabia



quando convinha vir buscá-lo; as outras pessoas receberiam durante o ano as graças pedidas, mas que era preciso que rezassem o Terço.» — O aleijadinho é o filho de Manuel Carreira e da já referida «Maria da Capelinha», Sra. Maria Carreira, de seu nome João, que foi durante muito tempo sacristão do Santuário e ainda hoje está vivo, embora de cama, numa dependência do Santuário, assistindo ao passar do tempo com uma disposição de ânimo enternecedora.

Depois, para animá-la de novo a sacrificar-se pelos pecadores, recomendou-lhe a ela a aos primos: — «Sacrificai-vos pelos pecadores e dizei muitas vezes, sobretudo quando fizerdes algum sacrifício, estas palavras: Ó Jesus, é por vosso amor, pela conversão dos pecadores e em reparação das injúrias cometidas contra o Imaculado Coração de Maria.»

O mais importante veio imediatamente a seguir. Os assistentes notaram uma grande palidez no rosto dos videntes e uma expressão misto de assombro e terror. Ouviram Lúcia gritar: — «Ai! Nossa Senhora!» — Após uns instantes, mudança de expressão e esta resposta de Lúcia: — «Sim, queremos.» — Finalmente perguntou: «Vossemecê não me quer mais nada?» — A resposta parece ter sido esta: — «Por hoje, não, não te quero mais nada.» — «Eu também não», respondeu a Lúcia. E a Aparição desvaneceu-se como das outras vezes. A gente deitou-se aos garotos crivando-os de perguntas curiosas e angustiadas. O ti Marto, com medo que esmagassem a sua pequena Jacinta, pegou nela ao colo e afastou-se do atropelo da gente. A Lúcia ia respondendo como podia às perguntas: Trata-se de um segredo, bom para nós os três e para os outros bom para uns, mau para alguns.

Vinte anos mais tarde a Autoridade eclesiástica competente ordenou a Lúcia que escrevesse o que a Senhora lhes tinha revelado nessa altura. É o segredo que consta de três partes, duas das quais já conhecidas de todos, outra ainda por revelar publicamente. Embora conhecidas as duas primeiras partes do «segredo», recordêmo-las brevemente, pelo interesse que ainda hoje conservam a bem das almas. A primeira foi a visão do inferno que encheu de pavor os pequenos e fez gritar a Lúcia que relata o seguinte: «Se Nossa Senhora nos não tivesse prometido que nos levaria para o Céu, teríamos morrido de susto. Foi quando a Virgem lhes pediu que se sacrificassem pelos pecadores e, abrindo as mãos, lhes mostrou esse lugar horrível dizendo-lhes: — «Vistes o inferno para onde vão as almas dos pobres pecadores. Para as salvar, Deus quer estabelecer no Mundo a devoção ao meu Imaculado Cora-

Primeira fotografia de Lúcia feita em conjunto com os seus primos Jacinta e Francisco, também reproduzidos aqui, pelo Sr. Eng. Mário Godinho, em 13 de Julho de 1917.





Cozinha da casa de Lúcia.



Lúcia explica como se lhes revelou o Imaculado Coração de Maria.



Lúcia em Fátima a 13 de Maio de 1967.



ção ... Se fizerem o que eu vos disser, salvar-se-ão muitas almas e terão paz. A guerra vai acabar, mas se não deixarem de ofender a Deus, no reinado de Pio XI começará outra pior. Quando virdes uma noite alumiada por uma luz desconhecida, sabei que é o grande sinal que Deus vos dá de que vai punir o Mundo de seus crimes por meio de uma guerra, da fome e de perseguições à Igreja e ao Santo Padre. Para a impedir virei pedir a consagração da Rússia ao meu Imaculado Coração e a Comunhão reparadora nos primeiros Sábados. Se atenderem os meus pedidos, a Rússia converter-se-á e terão paz; se não, espalhará seus erros pelo Mundo promovendo guerras e perseguições à Igreja. Os bons serão martirizados; o Santo Padre terá muito que sofrer; várias Nações serão aniquiladas ...

«Por fim o meu Imaculado Coração triunfará ... Em Portugal conservar-se-á sempre a fé ...»

A Aparição determinou: — «Isto não o digais a ninguém. Ao Francisco, sim, podeis dizê-lo.» — Recorde-se que o Francisco via a Aparição mas não escutava as palavras talvez pelo seu espírito contemplativo que o deixava completamente absorto na visão do sobrenatural.

Alguns instantes depois, continuou a Virgem: — «Quereis aprender uma oração?» — «Sim que-remos».

«Quando rezais o Terço dizei depois de cada mistério: Ó meu Jesus perdoai-nos; livrai-nos do fogo do inferno; levai as almas todas para o Céu principalmente as que mais precisarem.»

E isto foi tudo, e muito, acrescentamos por nossa conta, o que se deu na aparição de 13 de Julho de 1917 há precisamente cinquenta anos.

A crónica não nos permite fazer considerações a propósito seja do que for. Os críticos têm consagrado a este acontecimento e a estas palavras muito estudo e muito esforço. Os que assistimos ao desenvolvimento posterior e constatámos a realização das profecias é que podemos tirar daí certas conclusões práticas. Quem escreve estas linhas recorda-se por exemplo e muito bem da aurora boreal que precedeu imediatamente a eclosão da Segunda Guerra Mundial e de todos os horrores da Guerra Civil na Espanha e dos maiores horrores ainda daquela guerra mundial de que ainda estamos a sofrer as consequências e muitas mais coisas que pudemos e podemos observar e confirmar com o coração amaranhado.

O CINQUENTENÁRIO CONTINUA...

As comemorações jubilares não acabaram com a Peregrinação de 13 de Maio, altamente honrada com a presença do Sumo Pontífice em pessoa, pois não se contentou com enviar o seu Legado «a latere», apenas principiaram e da melhor maneira.

Assim, na sequência do programa previamente estabelecido e continuamento enriquecido com novas e entusiásticas adesões dos católicos de Portugal e do Mundo inteiro, a Cova da Iria tem sido o cenário grandioso de grandes concentrações de peregrinos todos atraídos pelo chamamento de Nossa Senhora e desejosos de recordar a Sua Mensagem de Penitência e Oração que já levam à prática quer fazendo todo ou parte do caminho a pé com grande sacrifício, quer permanecendo horas inteiras em adoração ao Santíssimo Sacramento ou venerando a Imagem da Virgem na Capelinha das Aparições, quer fazendo outros actos de verdadeira penitência que são principalmente uma confissão bem feita para mudança de vida e recebendo com renovado fervor o Pão que dá a vida eterna.

Era nossa intenção dar conta e relatar todas estas peregrinações, mas dada a quantidade das mesmas que ultrapassa todas as nossas possibilidades, não podemos senão fazer referência às principais e mesmo assim sem aquele relevo que mereceriam. De qualquer modo faremos todos os possíveis por ir dando conta aos leitores deste movimento do Santuário que se tornou o Altar Mariano do Mundo, do maior número possível, embora ao longo da publicação periódica da nossa revista.

Neste número não nos é possível referir senão quatro grandes e significativas peregrinações, pela ordem cronológica. Se for possível ainda faremos referência a algumas mais. As peregrinações a que fizemos referência são as das Dioceses de Coimbra, Aveiro e Braga e à da Mocidade Portuguesa.

COIMBRA AOS PÉS DE NOSSA SENHORA

No dia 28 de Maio foi a de Coimbra. Presidida pelo Senhor Arcebispo, Bispo da Diocese, D. Ernesto Sena de Oliveira, trouxe à Cova da Iria umas 30 000 pessoas. Os principais actos religiosos foram a Procissão das Velas, seguida de Hora Santa. Fez-se também uma Via-Sacra solene e houve Missa solenizada, celebrada pelo Prelado da Diocese. Tomaram parte na peregrinação mais de duas dezenas de sacerdotes, entre os quais um grupo que veio a pé desde Leiria, Cónegos do Cabido da Sé Conimbricense, o Provincial dos Padres Redentoristas e outros sacerdotes desta Congregação. A homilia fê-la o Senhor Dom Francisco Rendeiro, Bispo-Coadjutor de Coimbra. O coro era constituído por sacerdotes e seminaristas da mesma Diocese. Depois da Missa o Senhor Arcebispo-Bispo deu a bênção aos doentes, entre os quais se encontravam 30 alunas surdo-mudas do Colégio da Imaculada Conceição do Porto.

As cerimónias terminaram com a procissão da Imagem de Nossa Senhora desde o altar exterior da Basilica para a Capelinha. Encorporaram-se para cima de cem estandartes das Paróquias, Acção Católica e outras Associações religiosas.





Dois aspectos da Peregrinação de Coimbra.



O «DIA DA MÃE» EM FÁTIMA

A peregrinação de Coimbra viu-se, quase inesperadamente enriquecida com mais uns 20 000 peregrinos que a Associação de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, dos Redentoristas do Porto, sob a presidência do Pároco de Almeirim, trouxe não só das localidades referidas mas ainda de muitas outras localidades do Norte e do Sul do País, para comemorar o Dia da Mãe. Aproveitando esta singular oportunidade, cem crianças de Fátima fizeram a sua primeira Comunhão, reunindo-se, a seguir, com outras centenas de crianças numa Missa solene com Comunhão, seguida da consagração a Nossa Senhora das mães da paróquia de Fátima que bem podiam representar, diante da Mãe do Céu, todas as mães de Portugal. Uma festa infantil de homenagem às mães, fechou esta celebração.



A DIOCESE DE AVEIRO NA COVA DA IRIA

No dia 4 de Junho, dezenas de milhares de peregrinos da Diocese de Aveiro, presididos pelo respectivo Prelado, Dom Manuel de Almeida Trindade, vieram a Fátima comemorar o Jubileu das Aparições. Vieram de todas as paróquias da Diocese, com os seus Párocos, em dezenas de camionetas e automóveis. Às 11 horas efectuou-se a concentração à entrada do recinto, realizando-se um cortejo em direcção à Capela das Aparições, com o Senhor Bispo, Cônegos, Arciprestes e Párocos da Diocese aveirense. Dom Manuel de Almeida Trindade concelebrou com mais 13 sacerdotes e fez a homilia. Comungaram mais de 5000 peregrinos. As cerimónias terminaram com a bênção aos doentes, consagração da Diocese a Nossa Senhora e Procissão do Adeus.

Neste mesmo dia, realizou-se a peregrinação da Obra de Providência, Protecção e Formação de empregadas domésticas que congregou 5000 filiadas de Braga, Porto, Lamego, Viseu, Guarda, Portalegre, Évora, Faro, Lisboa, Coimbra e Aveiro. À noite tiveram a sua procissão de velas e Hora Santa e no dia seguinte, Dom Domingos de Pinho Brandão, Bispo Auxiliar de Leiria, celebrou a Santa Missa para as opefecistas e dirigiu-lhes a palavra.





FLORES DOS PORTUGUESES DE TODO O MUNDO PARA A SUA RAINHA EM PORTUGAL

A primeira cerimónia de cor e emoção, verificada no Santuário de Fátima, para abrir as solenes Comemorações do Cinquentenário das Aparições da Virgem, foi a oferta de flores enviadas pelos portugueses espalhados pelo Mundo.

A oferta realizou-se no dia 11 de Maio às 18 horas da Basílica para a Capelinha das Aparições. As flores eram transportadas em açafates por raparigas representantes das províncias portuguesas, desde Timor passando por Macau e Goa, até a cada uma das províncias do Continente.

Na Capelinha, aguardava-as o Sr. D. Domingos de Pinho Brandão, Bispo auxiliar de Leiria, que dirigiu algumas palavras aos circunstantes sobre o significado da oferta, relacionando a delicadeza e pureza da flor com a pureza e delicadeza da juventude.

Seguidamente, todas as raparigas apresentaram as flores a Nossa Senhora, transportando-as, depois, para ornamentar a tribuna papal e os altares da Basílica.

Entre as flores enviadas encontrava-se um ramo de açucenas proveniente do Carmelo de Coimbra, oferecido pela irmã Lúcia.

Esta oferta adquire um sentido muito especial se nos recordarmos que o próprio Sumo Pontífice Paulo VI ofereceu a Nossa Senhora de Fátima a Rosa de Ouro, cuja foto também reproduzimos no verso da contra-capá.



OS PORTUGUESES
ENVIARAM FLORES



QUANDO OS JOVENS REZAM, O MUNDO ENCHE-SE DE ESPERANÇA



Consagração da Juventude
a Nossa Senhora.

Quando os jovens ajoelham para rezar, estende-se sobre o Mundo um arco de luz e de esperança. Tocam-se os dois extremos: as mãos humanas erguidas para o Céu, as mãos de Deus a abençoar a Terra. E no centro dessa circunferência de amor e de paz, o Coração Imaculado de Maria cuja devoção é da vontade de Deus para salvar o Mundo.

Assim o entendeu a Assistência Nacional para a formação moral e religiosa da M. P. que, integrando-se no Programa Geral das Comemorações do Cinquentenário de Fátima, em cujo se lê — «Segundo Sábado e Domingo de Junho: Dia de oração pela Pátria Portuguesa, pelos nossos Governantes e pelas Províncias Ultramarinas em especial.» — organizou uma grandiosa Peregrinação Nacional da Juventude a Fátima, sob o lema tão simples e ao mesmo tempo cheio de sentido: «A Mocidade reza por Portugal».

Embora a ideia tivesse nascido e fosse concretizada em todos os seus pormenores pela Assistência Nacional Religiosa da Mocidade Portuguesa Masculina e Feminina, a peregrinação foi aberta a todos os jovens de ambos os sexos que desejassem participar, inscrevendo-se previamente e pagando a sua deslocação e estadia.

Fora o rastilho. A explosão, que provocou aquela alta labareda de cor e de luz que ergueram os 180 guiões e bandeiras a ondear no recinto sagrado, atingiu mais de 5000 rapazes e cerca de 1000 raparigas de todas as condições sociais, unidos na mesma crença e na mesma esperança: universitários, estudantes de Ensino Secundário, de quase todos os estabelecimentos de Portugal, agricultores e operários. Fátima jamais vira uma tão grande concentração de jovens e talvez poucas vezes tenha assistido a igual manifestação de fé e de sacrifício.

Os jovens peregrinos, vindos de todos os pontos do País, continental e insular e com representantes das longínquas Províncias do Ultramar, concentraram-se, pelas 15 horas do dia 10, Dia de Portugal, no Campo de São Jorge, perto da Batalha, onde realizaram uma cerimónia evocativa do dia e da sua Peregrinação. Numa rocha, levada propositadamente de Fátima, deixaram uma placa de bronze em que se lê: «DESTE LOCAL DE SÃO JORGE NO DIA DE PORTUGAL E NO ANO DO CINQUENTENÁRIO DAS APARIÇÕES DE FÁTIMA PARTIU A PEREGRINAÇÃO NACIONAL DE JUVENTUDE «A MOCIDADE REZA POR PORTUGAL».

Presentes no significativo acto, o Comissário Nacional Tenente Coronel Gomes Bessa, o Assistente Nacional Rev. Dr. A. Alves de Campos, Major Ramires, Director da Escola Nacional de Graduados.

Dali partiram, em 120 autocarros até ao Vale de Ourém onde os rapazes se apearam para empreender o resto do caminho a pé, em espírito de peni-





A noite para poucos foi de repouso, para a maioria uma vigília de armas de fé, de oração e de penitência.

tência, rezando e cantando. Formavam um grupo de 6 de frente numa extensão de quase dois quilómetros. As moças aguardavam-nos à entrada do recinto, na Cruz Alta onde, perto das 21,30 chegaram os bravos jovens.

De velas acesas na mão e atrás de uma grande cruz luminosa ladeada por 18 tocheiros, os peregrinos formaram numa frente de 18 e dirigiram-se à Capelinha das Aparições para participarem no Procissão do Santíssimo Sacramento, unidos aos peregrinos da Arquidiocese de Braga cujo Arcebispo, Dom Francisco Maria da Silva, previamente convidado pela M. P. na sua qualidade de antigo Assistente Nacional, presidiu ambas as peregrinações.

A noite, para poucos foi de repouso, para a maioria uma vigília de armas, armas de fé, de penitência e de oração segundo o espírito da Mensagem de Nossa Senhora. E manhãzinha cedo, do dia 11, às 7,30, todos os peregrinos estavam concentrados

para assistir à Missa de Comunhão Geral, também em conjunto com os peregrinos da Arquidiocese de Braga. Um pouco antes e durante a Missa, apesar de quase todos os jovens terem vindo preparados como se lhes recomendara, foram muitíssimos os jovens que quiseram reconciliar-se com Deus e com o próximo, ajoelhando-se, na escadaria da Basílica, aos pés dos 50 Assistentes da Mocidade Portuguesa presentes para acompanhar e realmente assistir às diversas representações. Abeiraram-se da Sagrada Mesa, numa Comunhão fervorosa, com aquele fogo comunicativo que só os jovens de alma pura sabem sentir, cerca de 70% dos participantes.

Um pouco mais tarde, porque eles, os doentes, não quiseram faltar ao grande apelo à oração por Portugal e quem diz por Portugal diz pelo Mundo inteiro porque em todo o Mundo vivem portugueses e por mais essa razão é necessário rezar por todas as Nações, foi celebrada Missa pelo Assistente Nacional, e dada a bênção com o Santíssimo Sacramento, pelo Senhor Arcebispo Primaz, a 100 jovens enfermos.

As 10,30 foi rezado o Terço, seguindo-se a Procissão com a Imagem de Nossa Senhora, transportada pelos estudantes de Coimbra. Logo, a oferta do tesouro espiritual de Braga e a oferta da juventude que consistiu num jogo de 50 paramentos completos para as concelebrações no Santuário e linho para as respectivas albas. Depois, a exposição do Santíssimo Sacramento e a bênção final.

Um dos actos mais emocionantes e no qual os jovens peregrinos puseram toda a sua alma, foi a sua consagração a Nossa Senhora: «Senhora e Mãe Nossa, Santa Maria de Portugal: os Teus filhos mais jovens ajoelham hoje a Teus pés numa grande romagem de oração por Portugal... Aqui viemos para nos consagrarmos a Ti, nós, os jovens que somos a esperança do presente e a certeza do futuro... Trazemos presentes no coração e no pensamento todos aqueles que não puderam vir... Assumimos tudo o que deixámos para trás quando escolhemos vir: a família, os companheiros, a escola, a oficina, a



OS PORTUGUESES DE TODO O MUNDO ENVIARAM FLORES PARA NOSSA SENHORA DE FÁTIMA



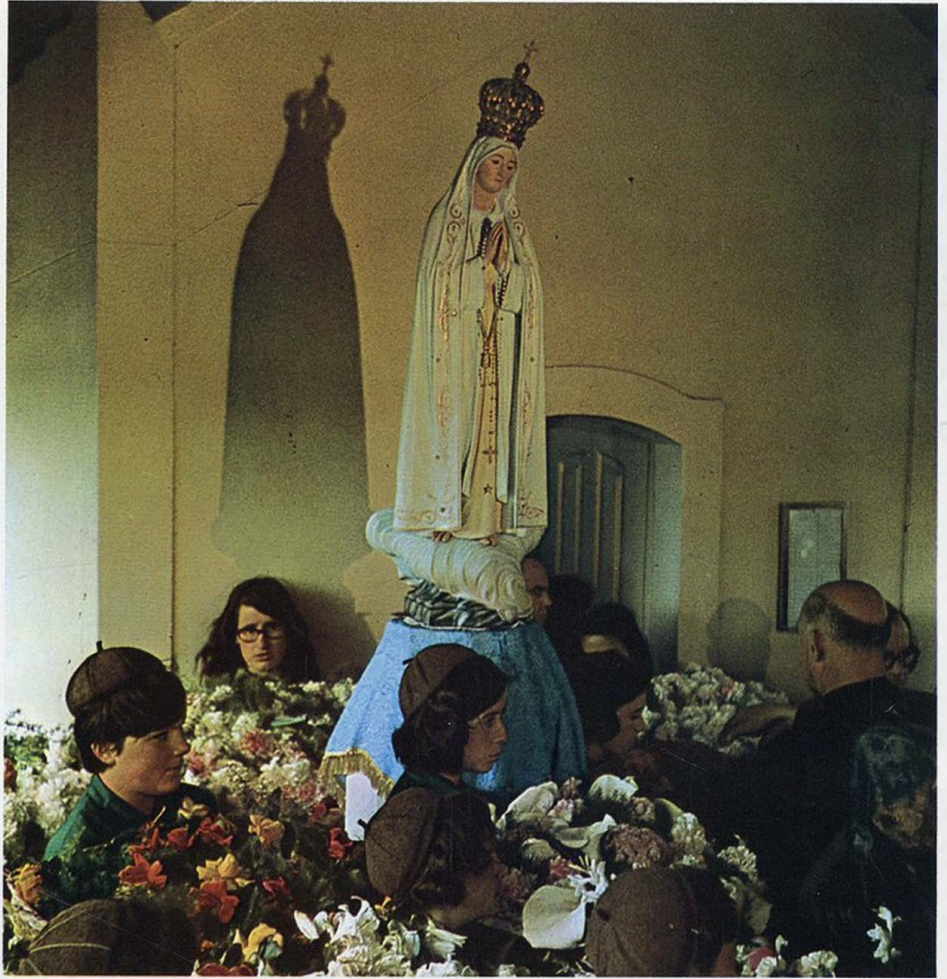
A intenção é a mesma: amor e fé! As formas são diferentes e iguais: Rosas e Rosário, em idades distintas da mesma vida.



Aos pés da Rainha do Céu inclinaram-se todos os gloriosos estandartes da terra. Mas se grande honra é servir um grande rei, a maior é servir a Serva do Rei dos Reis, por isso mesmo Rainha do Mundo e Mãe da Igreja. A Juventude compreende-o... E assim como desfilou garbosamente no Estádio Nacional, procedeu da mesma forma em Fátima.



Flores das mais variadas espécies para Aquela que foi comparada com todas e a todas superou em beleza de graça, perfume de virtudes, delicadeza de serviço: a Mãe de Deus!





cidade, o campo, a praia, os divertimentos, aquele livro, aquele passeio ... Está aqui, Senhora, a nossa vida inteira, sob o Teu olhar ... Queremos escutar a Tua Mensagem de oração e penitência que é de sempre e para sempre ... Ajuda-nos, pois, Senhora, a construir o Mundo com que sonhamos ...

Seguiu-se a consagração da Arquidiocese de Braga ao Imaculado Coração de Maria e terminou a parte religiosa com a Procissão do Adeus; Lenços brancos a acenar, à mistura com o multicolor das bandeiras que ondeavam e se inclinavam numa homenagem real à Rainha do Céu e Rainha de Portugal.



Assistiram a todos estes actos muitos e elevados membros representativos da vida nacional, nomeadamente o Senhor Ministro da Educação Prof. Doutor Galvão Teles, Subsecretário da Administração Escolar e da Juventude e Desporto, tendo estes acompanhado a marcha a pé desde o Vale de Ourém, e todos os Comissários Nacionais da M. P. M. e M. P. F.

À tarde, pelas 15 horas, no Pavilhão da Exposição dos 50 anos de Fátima, procedeu-se à bênção, pelo Sr. Dom Domingos de Pinho Brandão, Bispo Auxiliar de Leiria, de 7 Imagens de Nossa Senhora de Fátima destinadas às nossas Províncias Ultramarinas, oferta da M. P. Estas Imagens foram oferecidas com a intenção de promover no Ultramar, à mais vasta escala, a comemoração do Jubileu de Fátima, para o que foi solicitada e já obtida a aprovação e bênção dos Prelados Ultramarinos e prometido todo o interesse e apoio dos Exmos. Senhores Governadores Gerais.

Acto contínuo, inaugurou-se a exposição de uma Imagem em bronze, do Menino Jesus, para oferecer ao Santo Padre na Peregrinação Nacional a Roma projectada para Setembro. Foi ideia e realização de jovens alunos das escolas portuguesas que quiseram oferecê-la a Sua Santidade quando ele veio a Fátima mas não pôde ser nessa altura. Terna lição do filial afecto ao Pai Comum, Vigário de Cristo na Terra, do Cristo Adulto, pela imagem que representa o Jesus criança como as crianças que ofereceram a obra de arte.

Aos circunstantes, foi explicado o sentido desta oferta pelo Assistente Nacional da M. P. Rev. Dr. Alves de Campos. Presentes os Senhores Arcebispo Primaz e Bispos Auxiliares de Leiria e Braga, bem como quase todas as autoridades que acompanharam a grande peregrinação da juventude.

Finalmente, foi inaugurada uma Pousada da juventude que se destina a acolher, nas melhores condições, em todos os aspectos, todos os jovens do Mundo inteiro que vierem como peregrinos a Fátima. Ideia e realização da M. P., funcionará provisoriamente até à edificação da Pousada definitiva cuja primeira pedra foi já benzida, na mesma ocasião, pelo Senhor Arcebispo de Braga.

A Juventude de Portugal rezou e abriu as mãos a todos os jovens do Mundo inteiro, de donde quer que eles sejam, para construir o Mundo Novo que o Papa recomendou na sua homilia em Fátima aos homens, mas que é mais de esperar destes moços e moças cheios de fé e de sentido de solidariedade.



Bênção das Imagens oferecidas pela M. P. às Províncias Ultramarinas.



Imagem do Menino Jesus a oferecer pelos jovens portugueses ao Santo Padre



Inauguração da Pousada da Juventude para albergue de jovens peregrinos de todo o Mundo.

DO SAMEIRO A FÁTIMA...

OS BRACARENSES PEREGRINAM À COVA DA IRIA



Em cumprimento de um voto feito no Sameiro pelo Senhor Dom Francisco Maria da Silva, Venerando Arcebispo Primaz de Braga, no encerramento do Congresso Mariano de 1964, a Arquidiocese de Braga concentrou-se em Fátima nos dias 10 e 11 para agradecer a Nossa Senhora as Suas Aparições de há 50 anos, para fazer o compromisso de fidelidade à Mensagem de Fátima, e para consagrar a Arquidiocese ao Imaculado Coração de Maria.

Na peregrinação tomaram parte o Senhor Bispo auxiliar, os Cônegos do Cabido, Reitores e diversos professores dos Seminários, Arciprestes e numerosos Párocos, o Reitor e Irmandade de Nossa Senhora do Sameiro, Autoridades civis, bem como os vereadores civis e Presidentes das Câmaras dos Distritos de Braga e Viana do Castelo e mais de 10 000 pessoas.

As cerimónias foram presididas pelo Senhor Arcebispo Primaz, tanto as do dia 10 como as do dia 11 que constaram de Missa concelebrada, recitação de um coro falado, consagração a Nossa Senhora, bênção aos doentes e procissão com a Imagem de Nossa Senhora. O Senhor Arcebispo dirigiu a palavra aos seus arquidiocesanos e aos jovens da Mocidade Portuguesa que se reuniram neste dia e tomaram parte conjuntamente com os bracarenses nas cerimónias em honra da Virgem de Fátima.



Dilecto Filio Nostro
Josepho S.R.E. Cardinali Da Costa Nunes
Paulus P.P. VI

Dilecte Fili Noster,
salutem et Apostolicam Benedictionem

Ao nosso amado filho, saúde e Bênção Apostólica.

Lindas coisas têm dito de ti, Cova da Iria; e o nome de Fátima, situada não longe de ti, antes obscuro e pouco conhecido, já de há muito corre dum extremo ao outro do Mundo, louvado e difundido por meio da palavra e dos escritos dos homens.

E isso deu-se por graça e magnificência da Bem-aventurada Virgem Maria, para que a solidão exultasse e desabrochasse como lírio; e aconteceu providencialmente que, na terra deserta e árida, jorrasse uma nascente límpida e abundante, um tesouro precioso, uma fonte de água viva a difundir e a derramar ao longo e ao largo a abundância do amor maternal.

Estas honras da grei portuguesa, em que tantas vezes recolhidamente meditamos, pudemos recordá-las com a maior atenção e o maior carinho, ao recebermos do Nosso bem amado filho, Cardeal Dom Manuel Gonçalves Cerejeira, Patriarca de Lisboa, e dos nossos veneráveis irmãos, os restantes Bispos de Portugal, a mensagem que Nos tornava cientes de que, no mês de Maio, se iriam celebrar em Fátima as solenes comemorações do quinquagésimo aniversário da data em que ali se começou a prestar singular culto à Bem-aventurada Virgem Maria.

Consideramos essas celebrações digníssimas da Nossa aprovação, e de forma alguma queremos estar ausentes de tão jubiloso e memorando acontecimento, de que ficará lembrança para todo o sempre.

É por isso que, acedendo de boa vontade aos desejos que Nos foram manifestados, te escolhemos a ti, Nosso amado filho, e te nomeamos e constituímos Nosso «Legado a latere», a fim de, como Nosso representante, presidires às festas e assembleias que, no mês de Maio, se realizam em Fátima. Por bem sabermos que, além de outras qualidades dignas de louvor, és dotado de notável e reconhecida devoção à Mãe de Deus e dos homens, e tens o maior empenho de A engrandecer, temos a certeza absoluta de que te irás desempenhar admiravelmente desta gravíssima missão, com honra e frutuosa piedade: isto será também para ti uma das maiores honras, que sempre recordarás, com prazer por toda a tua vida.

No desempenho desta missão e com a conhecida fluência da tua palavra, cheia de calor e de entusiasmo, incumbete na realidade o dever de jubilosamente louvares e exaltares ao máximo a Maria, mãe de Cristo, como esplendorosíssima aurora da qual nasceu o Sol da Justiça, fundamento sólido da confiança do género humano e causa da sua perpétua alegria, milagre de inefável formosura no plano da natureza e da graça, coroa dos Santos, Rainha do Mundo, coluna da fé ortodoxa, Mãe da Igreja, perene auxiliadora e salvadora do Povo de Deus.

Se na realização desta tarefa te vier qualquer hesitação, lembra-te de que por maiores que sejam, não há poema, nem agradecimento, nem cântico de louvor dignos de tamanha perfeição e grandeza.

Para dares mais ardor ao seu jubiloso cantar, exorta a grande multidão dos teus ouvintes, dizendo-lhes:

— Engrandeci comigo a Santa Mãe do Verbo Incarnado e Senhora nossa: «Tu és a glória de Jerusalém, Tu a alegria de Israel e a honra do nosso povo» (Judith, 15,10).

Não é verdade que, com profético conhecimento do futuro, a própria Virgem Mãe de Deus anunciou: «Eis que doravante todas as gerações Me proclamarão Bem-aventurada» (Lc. 1,48).

Os factos comprovam brilhantemente a profecia.

Não há dúvida alguma de que, em todo o Mundo, se Lhe presta culto singular, e de que à porfia se Lhe rende preito de veneração, com templos e oratórios, festas, invocações, promessas, esplêndidas obras de arte e composições musicais: e até agora o acontecimento hodierno vem confirmar a profecia.

É nosso ardente desejo e voto que, ao celebrarem-se em Fátima estas solenidades, se elevem e ressoem as mais puras e vigorosas palavras a louvar com amor a excelsa Rainha dos Anjos e dos homens, inserindo-se assim em uníssono neste coral dos séculos.

E enquanto houver Anjos e homens, enquanto Cristo for vivo, enquanto houver Deus, permanecerá, para sempre, eternamente, o Teu Nome, a Tua glória, a Tua honra, ó Maria!



ENQUANTO HOVER ANJOS E HOMENS, ENQUANTO CRISTO FOR VIVO, ENQUANTO HOVER DEUS, PERMANECERÁ PARA SEMPRE, ETERNAMENTE, O TEU NOME, A TUA HONRA, A TUA GLÓRIA Ó MARIA!

Mas que seja Ela mesma a iniciar e a dirigir o coro, de forma que n'ela se fundam num só os nossos cânticos de louvor e acção de graças à Divina Majestade: «Haja em cada um a alma de Maria; tenha cada um o Seu espírito, para exultar em Deus» (S. Ambr. Expositio Evang. sec. Luc., Lib. II, v. 26; PL. 15,1042).

Será óptimo que, pela sagrada penitência, obedecendo à ordem da Mãe, se obtenha o perdão dos pecados. Bem sabemos que aos homens de hoje não se lhes dá de penitência: pecam de forma insolente, e não querem saber de remediar o pecado. Será contudo muito oportuno, e até muitíssimo necessário, que lhes façam fervorosa e ardente exortação a que reparem os pecados cometidos, a fim de se livrarem do perigoso abismo e evitarem cair na ruína e destruição iminentes. É, na verdade, a que realizemos isso com preces

e lágrimas, que nos exorta com veemência aquilo do Evangelho: «Se não fizerdes penitência, todos ... perecereis» (Luc. 13,3).

Acolhamo-nos, pois, depressa, com lágrimas e confiança, ao trono de graça que em Cristo nos está preparado (Cfr. Hbr. 4,16), a fim de que, pela intercessão da Mãe de misericórdia, se alcance clemência para os pecadores, perdão para as culpas, e se transforme em jubilosos a paz o que nos causa fundado terror.

Não queremos deixar de acrescentar, o que é de muito alento para o afervoramento espiritual e fortalecimento da fé católica, isto é, que a Santa Igreja, servindo-se do poder conferido por Cristo, de andar por cima de serpentes e escorpiões e de todas as potestades inimigas (Cfr. Luc. 10,19), continue intacta e vitoriosa. Na verdade, com tão numerosas, tão árduas e tão difíceis empresas no meio das quais se encontra no tempo actual, se algum dia, antes, precisou do auxílio d'Aquela que com o Seu pé virginal, sempre esmagou e esmagará a cabeça da serpente antiga, mais precisa hoje do auxílio da que é a fomentadora da paz, a intercessora da vitória certa e a obtentora do triunfo.

Todos, pois, em tão graves circunstâncias, amem e venerem o Coração Imaculado da Bem-aventurada Virgem, sacrário de todas as virtudes, santuário de místicas elevações, fonte inexaurível de bondade, de misericórdia e de graça; esforcem-se por apressar o Seu indubitável triunfo; e, à imitação do Seu, procurem ter também um coração puro e firme, e, na posse dele, decidam-se a combater pela nobilíssima causa do Evangelho, a sacrificar-se, a servir, e, por isso, a consagrar-se a si mesmos a este serviço, que vale muito mais do que reinar: «Ó Senhor, eu sou Teu servo, o Teu servo e o filho da Tua serva» (Salmo 115,16). É nesta ordem de ideias que hás-de falar aos que em Fátima se juntarem em honra e louvor da Bem-aventurada Virgem Maria, como mensageiro e intérprete dos votos que, com repetidas preces, fazemos subir até junto de Deus, pedindo-Lhe que não fiquem frustradas a nossa expectação e esperança de bom êxito, e que produzam os mais abundantes frutos para alegria e aumento da fé.

Como penhor destes dons celestiais, com a maior estima, te concedemos a Bênção Apostólica, a ti, amado filho, e aos Nossos amados Irmãos, o Cardeal-Patriarca de Lisboa, o zelosíssimo Bispo de Leiria, D. João Pereira Venâncio, e a todos os outros bispos, autoridades, sacerdotes e fiéis, nacionais e estrangeiros, que se juntarem para tomar parte nas solenidades de Fátima; e, todos unidos e à porfia, renderem à Virgem Mãe de Deus as homenagens da sua piedade filial.

Roma, junto de S. Pedro, 15 de Abril de 1967, IV ano do Nosso Pontificado.

Paulus P.P. VI-

Chegada do Cardeal Legado Dom José da Costa Nunes, a Fátima, no dia 12 de Maio.



CRÓNICA DA PEREGRINAÇÃO DE PAULO VI À FÁTIMA

PELO CÓN. DR. JOSÉ GALAMBA DE OLIVEIRA

No passado dia 13 de Maio, o primeiro dia das comemorações do Cinquentenário das Aparições de Nossa Senhora, veio à Fátima em peregrinação o Santo Padre o Papa Paulo VI. Todo o Mundo o ficou a saber através da Imprensa, da Rádio e da Televisão.

A cinquenta anos das Aparições, realizou-se o desejo da pequenina Jacinta. Aos nossos queridos leitores que se deliciaram com a reportagem gráfica do último número de «Fátima-50», vamos tentar dar agora a história desse dia maravilhoso que fica para sempre gravado a letras de ouro na história da Fátima e é o seu mais extraordinário elemento de 1917 para cá.

Com que alegria não terão os pequenos videntes acompanhado no céu o desenrolar dos acontecimentos que por um pouco fixaram na Fátima a atenção do Mundo inteiro!

Nós pensámos sempre que o Santo Padre viria à Fátima durante as comemorações do Cinquentenário. Era tão grande a projecção da Fátima no Mundo, tão rico o conteúdo da sua mensagem, tão profunda a influência exercida em certos meios! Tanta alma havia reencontrado o caminho da vida através dos caminhos da Fátima e ali ou pela sua acção se havia reconciliado com o Senhor, voltando à casa paterna ... Oh! o Papa viria decerto. — Quando, era outro problema.

O nosso Venerando Episcopado compartilhava dos mesmos sentimentos e, antes de todos, o nosso querido Bispo Sua Ex.^a Revm.^a o Senhor Dom João Pereira Venâncio.

O ano passado haviam os Senhores Bispos enviado nesse sentido uma petição colectiva ao Sumo Pontífice. Foi essa a razão da ida do Senhor Bispo de Leiria à África em Novembro: colher assinaturas dos Senhores Bispos do Ultramar para essa carta histórica à qual o Papa se referiu. Por esse mesmo motivo fez várias viagens a Roma o Senhor D. João Pereira Venâncio.

Do que se passou entre as duas Chancelarias — a Secretaria de Estado do Vaticano e o Ministério dos Negócios Estrangeiros nada sabemos.

Mas o que se sabe é que o Santo Padre gostava de vir e tinha intenção de vir.

Era em Abril. O tempo urgia e a notícia não vinha. Em certa imprensa estrangeira, pouco afecta a Portugal, fazia-se uma campanha ignóbil contra a vinda do Papa. Até alguns católicos entre nós se

permitiram manifestar a sua antipatia quanto à falada vinda do Papa à Fátima.

A 1 de Março vem a público a notícia da nomeação do Legado a latere na pessoa de Sua Eminência o Senhor Cardeal D. José da Costa Nunes e o Papa dirige-lhe a lindíssima carta que hoje damos na íntegra neste mesmo número e que é para nós um dos mais formosos e importantes documentos desta jornada singular.

Ao traduzi-la caiu-me a alma aos pés. Com tão linda carta perdia a esperança de que o Papa viesse no dia 13 de Maio.

Mas logo alguém me serenou dizendo que afinal aquilo não queria dizer que o Papa não viesse à Fátima. E não.

Dia após dia vivia-se numa intensa ansiedade e enorme expectativa. À última hora, a 3 de Maio, véspera da Ascensão, o Papa anunciou em Roma a um grupo de peregrinos a sua intenção de vir e o sentido da sua peregrinação.

«A nossa próxima peregrinação à Fátima é para honrar Maria Santíssima e para invocar a sua intercessão a favor da paz da Igreja e do Mundo. Mas o significado espiritual próprio desta viagem é o de orar uma vez mais pela paz, com mais humildade e mais fervor.

Nós recorremos Aquela que, pela salvação deste nosso Mundo moderno, revelou aos pequenos e aos pobres, a doçura irradiante do Seu rosto materno e recomendou a oração e a penitência como remédios soberanos. Tal é o motivo da Nossa peregrinação.»

Através de todo o Portugal e na alma dos portugueses espalhados pelo Mundo inteiro perpassa uma onda de alegria e de entusiasmo. Com o mesmo júbilo a receberam os bons católicos do Mundo inteiro.

A notícia movimentou imediatamente uma multidão imensa de pessoas ligadas aos grandes meios da comunicação social. Directores de jornais, de revistas, de agências de informação, da Rádio, do Cinema e da TV. procuraram logo estar presentes. Estávamos a oito dias. A Fátima não podia receber toda esta gente. Pedem informações, alojamento, transportes, facilidades. É uma lufa-lufa de noite e de dia. Nas altas esferas, por outro lado, tinham de dispor tudo para facilitar a viagem desse Peregrino singular que é o Chefe da Igreja Católica, o Vigário de Cristo. Lisboa e Fátima são lugar de encontros e conferências entre os responsáveis de um e outro lado. São as questões de transporte, do trajecto, da hospedagem, da segurança, do programa do cerimonial, das audiências, etc.

Fica decidido que o Papa virá num avião dos Transportes Aéreos Portugueses. É uma honra para a nossa aviação civil. Aterrará em Monte Real e virá dali até ao Santuário em carro aberto para que todos possam ver e contemplar o Padre Santo.

Nem todos podem vir, mas todos querem ver e ouvir. E a competência técnica e o espírito de servir dos homens da Rádio e da Televisão levaram no próprio momento a muitas centenas de milhões de espectadores a imagem, a palavra e o canto, as lágrimas, os vivas, a oração e a penitência da massa imensa que vinha com o Papa à terra da Cova da Iria, há cinquenta anos sagrada pela presença da Mãe de Deus.

Com tempo esplêndido e óptima viagem Paulo VI saiu do aeroporto de Fiumicino às 6,45 horas da manhã (hora local). Sobrevoou a Espanha cuja aviação

escoltou o avião pontifício recebendo em resposta uma grande bênção. Em homenagem ao Papa fez-se uma largada de 200 000 pombos correios.

Na terra portuguesa Fátima divisa-se ao longe. Mas, por delicada atenção, o comandante faz com que o Sumo Pontífice possa ver do ar a multidão imensa de fiéis que ali aguarda a sua chegada.

O Papa fica comovido. É que a mole imensa de peregrinos divisando ao alto o avião e adivinhando que era o do Papa, irrompe num acenar de lenços de beleza inesquecível.

Dai a pouco descia em Monte Real. Eram 9 horas e 53 minutos. Aproximavam-se do avião as altas individualidades presentes. Estava todo o Governo Português com Sua Excelência o Senhor Almirante Américo de Deus Rodrigues Tomás, Venerando Chefe da Nação e com o Presidente do Conselho Sua Excelência o Senhor Professor Doutor António de Oliveira Salazar. O senhor Presidente da República fez as apresentações e todos acompanharam Sua Santidade do avião até à tribuna onde o Chefe do Estado leu uma sentida saudação ao Papa que logo em seguida agradeceu.

Estavam presentes também da parte da Igreja Senhor Núncio Apostólico, o Senhor Bispo de Leiria o que acompanhou Sua Santidade no mesmo carro em que o Papa seguia e o Capelão Mor do Exército Português. Ali perto duas grandes tribunas para a Imprensa e outras órgãos de informação. Fora, estacionava, ansiosa, notável multidão. Organizado o cortejo, começou a marcha triunfal para a Fátima.

A primeira fase do protocolo, indispensável para o singular Peregrino que pela primeira vez pisava terra portuguesa e a quem os representantes da Nação queriam prestar as suas homenagens.

Era agora a vez do povo simples, «piedoso e bom», sincero e ardente. Com um quarto de hora de antecedência haviam saído o Venerando Chefe do Estado, o Presidente do Conselho e os outros elementos oficiais.

A viagem foi uma manifestação espontânea de amor entusiástico ao Vigário de Cristo como talvez nunca o Papa teve até hoje. Mais de cem mil pessoas através de ruas e estradas engalanadas com bandeiras e saudações, com arcos rústicos e cordas de verdura, com colgaduras nas janelas e varandas aguardavam a passagem do Papa. E essa grande multidão mais se adensava onde lhe era permitido, sobretudo nas povoações.

Monte Real antes de mais, o Souto da Carpalhosa, a Ortigosa de Leiria souberam pôr na recepção a nota do seu gosto popular e a certeza da sua profunda dedicação ao Chefe da Igreja. Não eram galas de arraial, era fogo de fé e de amor. Com semelhante disposição foi o Santo Padre recebido pela gente que das várias freguesias vinha até à beira da estrada: a Gândara, os Pousos, o Padrão e a Martinela, os Cardosos e a freguesia de Santa Catarina não ficaram atrás. E bem merecem todos nesta crónica uma palavra de louvor.

À tarde, no regresso, São Mamede, o Reguengo, a Batalha e a Azoia tiveram o ensejo de alinhar com as outras terras nesta admirável competição de amor, de admiração e reconhecimento para com o Vigário de Cristo. Mas Leiria, sem desdouro para ninguém, parece merecer uma referência especial. Não se pode dizer de Leiria que seja «terra de muitas e desvairadas gentes», mas é, embora pequena em extensão, um mosaico de maneiras de pensar e de sentir, de reagir e de proceder.



Nesse dia memorando, Leiria portou-se com uma galhardia que lhe conquistou, com justiça, o mais rasgado elogio de quem quer que a atravessou de uma e de outra vez.

A multidão estacionada com as crianças das escolas ao longo do percurso, a disciplina, o aprumo, o entusiasmo e alegria que se espelhavam no rosto de toda a gente serviram de fundo encantador ao gesto simbólico com que, no largo fronteiro à Residência Episcopal o Senhor Presidente da Câmara ofereceu as chaves da cidade a Sua Santidade o Papa Paulo VI. Compreende-se bem que a cidade tenha recebido com geral aplauso a ideia de dar o nome de Paulo VI ao largo que serviu de palco para essa cena histórica e que com perfeita unanimidade tenha aclamado com delírio a mais nobre personalidade de quantos até hoje lhe atravessaram as ruas.

Durante o percurso tudo era captado pela aparelhagem dos carros da Rádio e da T. V., pelos fotógrafos e operadores de cinema e por helicópteros que cobriram toda a viagem de ida e volta.

Tudo não. Há coisas que a máquina não fixa ou, pelo menos, não sabe interpretar. A alegria que transbordava da alma de Paulo VI, a simpatia irradiante que lhe transparecia do rosto, do olhar, de cada gesto, prenderam-lhe o coração de quantos o puderam contemplar nos momentos fugidios, enquanto passava a abençoar e a sorrir. Que, embora sempre a saudar podia notar como as casas eram «todas branquinhas» e os portugueses nutridos e bem postos.

Hoje, continuam todos — católicos ou não — a falar da passagem do Papa e do seu dom de simpatia e de bondade como da mais extraordinária coisa que os seus olhos algum dia tiveram a dita de ver.

Entretanto no recinto da Fátima, comprimia-se a maior multidão que em memória de homem alguma vez se juntou para uma manifestação religiosa. E que ordem, que disciplina, que boa disposição, que espírito de fé, de penitência e de sacrifício!

Ao alto, a meio da escadaria, elevava-se uma enorme tribuna destinada ao Papa, às Autoridades Cívicas e Eclesiásticas e aos convidados de honra. Dos dois lados, um pouco afastadas, duas outras, para os representantes das agências e órgãos de informação, Rádio, T. V. e Cinema.



Ao centro, em baixo, o local dos doentes. Ao meio da tribuna, o altar no qual o Papa viria celebrar.

A Providência Divina quis experimentar os peregrinos. Na véspera chovera bem. O tempo ameaçava nova chuvada e abundante, como de tarde se verificou.

Mas o programa tinha de se cumprir. Já na ante-véspera fora assim a lindíssima cerimónia da simbólica oferta de flores em que todo o Mundo Português quis estar presente junto da Veneranda Imagem na Capela das Aparições e, depois, na decoração da Tribuna.

Na véspera fora também com chuva que se procedera à recepção solene e oficial do Legado «a latere», Sua Eminência o Senhor Cardeal D. José da Costa Nunes, a quem se prestaram todas as honras inerentes à altíssima missão de que fora investido e que apenas ficou interrompida durante a presença entre nós do seu Augusto Representado. Sentado em lugar de honra no alto da tribuna, ouviu Sua Eminência ler a carta do Sumo Pontífice, recebeu as saudações do Senhor Bispo de Leiria e, por fim, agradeceu.

13 de manhã. Conduz-se à tribuna antes da vinda do Papa, a Veneranda Imagem d'Aquela que, por nosso amor, há 50 anos, ali baixara e por amor de quem ali estávamos agora reunidos.

Fez-se a procissão quase como de costume, entre cânticos e orações.

E ficámos à espera da hora bendita em que o Santo Padre assomasse ao fundo com o cortejo, no meio da multidão.

Vista do alto, era impressionante com o formigueiro humano a praça imensa. É-o, sempre que fica repleta. Era-o na véspera, na noite inolvidável da procissão das velas em que uma alta personagem romana soluçava a valer diante dessa esmagadora manifestação de fé e de piedade (que é algo mais, imensamente mais que teatro e sentimentalismo) e declarava: «Diante disto nós somos ateus.»

E ouvi os comentários de simpatia, admiração e louvor de grandes dignitários da Cúria à fé, à piedade e ao amor da ordem de que o nosso povo soube dar tão admirável demonstração.

Chega o Papa. Lentamente, o cortejo avança pelo corredor central entre filas compactas de fiéis nacionais e estrangeiros que o vêem de pé, no carro aberto, em que vinha de Monte Real e o saudam e aclamam. Não há um lugar vazio. Até dos telhados, de cima dos carros, de entre a ramaria das árvores aos lados, é um acenar de lenços e de mãos como jamais houveramos visto.

A tribuna de honra está cheia. — Quem está lá? — O Chefe da Nação, o Chefe do Governo com os Ministros, Secretários e Subsecretários de Estado, o Corpo Diplomático, os membros de várias famílias reais que vivem em Portugal, altos Magistrados e personagens civis e militares, judiciais e diplomáticas.

O Episcopado Português e muitas dezenas de Cardeais, Arcebispos e Bispos vindos de toda a parte, Superiores Maiores de várias Ordens Religiosas e vários outros membros do Clero.

Estão 8 Cardeais. Está com vários membros de família a única sobrevivente dos três pastorinhos que, a 13 de Maio de 1917, viram ali em baixo Nossa Senhora.

Paulo VI paramenta-se. Acolitam-no o Senhor Bispo de Leiria e o Senhor Bispo de Porto Amélia. Por determinação expressa do Papa a Missa é em português. Os cânticos em português e em latim.

Após o Evangelho o Papa leu a sua notável homilia que teve uma enorme repercussão em todo o Mundo. A Oração dos Fiéis foi dita toda em português e a segunda fórmula em mais 7 línguas.

Depois de comungar, o Santo Padre deu a comunhão a 50 fiéis de todas as classes e condições: o Venerando Chefe do Estado e Sua Exma. Esposa, Ministros, Irmã Lúcia, um neto do Chefe do Estado, operários, estudantes, um médico, homens e mulheres do campo, doentes, raparigas empregadas.

E foi de joelhos que quis dar a comunhão a um pobre paralítico.

Terminada a Missa, o Santo Padre benzeu a primeira pedra para o novo edifício do Colégio Português em Roma e, a seguir, recebeu cumprimentos de várias personalidades entre as quais a Irmã Lúcia do Coração Imaculado e seus parentes.



Veio em seguida diante do andor de Nossa Senhora a oferecer-lhe a sua prenda: era um Terço de prata. Subiu acima de um estrado para lho pôr nas mãos. Mas o estrado era pequeno. Só lho pôde colocar aos pés. Com que ternura porém! E logo, de mãos erguidas e de olhos cravados no rosto da Veneranda Imagem, de tal doçura se lhe avivou o semblante e olhar, e orava com tal fervor e ternura que o diríamos em êxtase.

Foi rápida a oração. Veio com a Irmã Lúcia diante do altar como a apresentá-la, contemplou e saudou a multidão.

Dar a bênção individual aos doentes era impossível. Fez, pois, uma oração especial pelos doentinhos, deu-lhes a bênção em conjunto, e, em vez de descer as escadas para acompanhar à Capela das Aparições a Veneranda Imagem como estava no programa, dada a densidade da multidão, retirou-se, pela Basílica, para os aposentos que lhe haviam sido preparados na Casa de Retiros de Nossa Senhora do Carmo e ali tomou uma refeição frugal. Antes, porém, dignou-se Sua Santidade assomar à varanda diante da porta de entrada da Capela do Sagrado Lausperene a despedir-se da grande assembleia cristã que com ele havia vindo à Fátima orar pela paz interna da Igreja e pela paz do Mundo.

Do alto da escadaria organizara-se e fizera-se, entretanto, a Procissão do Adeus.

Nisto consistiu a traços largos a parte central e mais solene dessa peregrinação.

Após a refeição efectuaram-se as audiências previstas.

Numa pequena sala primorosamente preparada em frente dos seus aposentos Sua Santidade recebeu em audiência privada Sua Excelência o Senhor Presidente da República e, a seguir, Sua Exma. Família. Depois, no mesmo local o Senhor Presidente do Conselho com alguns Membros do Governo.

A capela da casa dos retiros fora transformada em salão para outras audiências. E ficou muito bem, com austera nobreza e simplicidade. Ali se dignou o Santo Padre o Papa Paulo VI receber, primeiro, o nosso Venerando Episcopado ao qual fez a entrega de várias ofertas com fins determinados: os pobres e as Missões. No conjunto, cerca de 10 mil contos.

Foram recebidos, a seguir, na mesma sala o Corpo Diplomático e as Famílias Reais presentes.

Um grupo de leigos dirigentes de várias obras Católicas e da Acção Católica tomara lugar na sala de visitas do rés do chão e ali teve a sua audiência especial.

Eram breves as audiências como se compreende. Mas o Papa teve uma palavra própria para cada grupo e para dada circunstância. E recebeu também um grupo de cristãos separados aos quais dirigiu igualmente uma palavra de carinhosa saudação.

A todos o Papa deixou uma recordação: em geral terços e medalhas que cada um guarda com o maior carinho.

O Chefe do Estado, o Chefe do Governo, o Senhor Bispo de Leiria e a Irmã Lúcia trocaram também presentes com o Sumo Pontífice.

O Sumo Pontífice deixou ainda ao Santuário da Fátima os paramentos e alfaias sagradas com que celebrou a Santa Missa: o cálice, a mitra, a cruz peitoral e o báculo e um cheque de 10 000 dólares. Ofereceu um cálice a cada um dos seguintes templos: Capela das Aparições, Igreja de Batalha, Capela de Monte Real. A Sé Catedral de Leiria um lampadário de bronze. Ao Senhor Bispo de Leiria e ao seu Auxiliar e ao Senhor Bispo de Porto Amélia uma cruz peitoral de prata dourada a cada um. Deixou ainda como recordação, respectivamente: a alva e o cingulo aos dois sacerdotes que leram a Epístola e o Evangelho na sua Missa e o roquete ao Mestre de Cerimónias.

Agora voltava pela Batalha. Esperava ali o Ilustre Peregrino uma grande multidão que ovacionou Sua Santidade. Mas mal teve tempo de entrar. Era o antigo Arcebispo de Milão, a terra da célebre catedral. Mas a Batalha tem seu quê de graça e de simplicidade que, no pensar dos entendidos, a torna quase única. Ficou, contudo, muito impressionado. Quiseram levar Sua Santidade até ao esplendor das Capelas Imperfeitas, ao que o Santo Padre respondeu a sorrir: «Fica para a outra vez».

E em breve se fechava em Monte Real a maravilhosa janela donde o Vigário de Cristo como humilde Peregrino da Fátima e da Paz, viera até ao Santuário e por umas horas se deixara ver como hóspede da Diocese de Leiria.

A despedida foi breve e afectuosa. O Papa levava a alma cheia, la alegre e consolado, embora com «saudade». Ficar-lhe-ia gravada na memória para todo o sempre esta inesquecível peregrinação, da qual à chegada a Roma iria dizer «Foi um dia lindo».

E deixou em todos nós uma saudade imensa. A sua vinda parecia um sonho. Tornou-se realidade. Mas é tão grande a graça, que nos aparece como uma visão irreal.

Demos graças a Deus por essa honra e alegria. E à Nossa Mãe do Céu por, como só as mães sabem, ter conduzido as coisas tão bem para glória de Deus e Sua e para honra da nossa terra.

Bem hajam igualmente os homens, conhecidos ou anónimos, que no segredo das Chancelarias, em obscuras mas decisivas tarefas, no esplendor de missões públicas e oficiais, contribuíram para que a grandeza deste dia se tornasse tão consoladora realidade!

É de justiça uma palavra simples de sincero e leal reconhecimento aos serviços públicos: de Turismo, de Informação, das Alfândegas, de Saúde, de Ordem, de Comunicações, etc., à Imprensa, à Rádio e à Televisão pela maneira abnegada como souberam servir.

Os Servitas são da casa da Senhora. Não esperam agradecimentos. E a Mãe paga com tanta generosidade e amor ... Este dia 13 de Maio veio ensinar-nos a servir cada vez melhor.

Das renúncias e sacrifícios de que a sua acção e a de outros se entretecem só se faz a conta e estatística no Céu.

Os últimos são os primeiros. É com alegria e com profundo reconhecimento que queremos focar aqui a dedicação, o interesse, a elegância com que em tudo e em todas as circunstâncias se houve o Governo da Nação e a gentileza com que se dignou assinalar a vinda do Papa com a concessão da mais ampla amnistia de que há memória.

Havia 300 sacerdotes a atender de confissão os peregrinos que o desejavam. E foram dezenas de milhar.

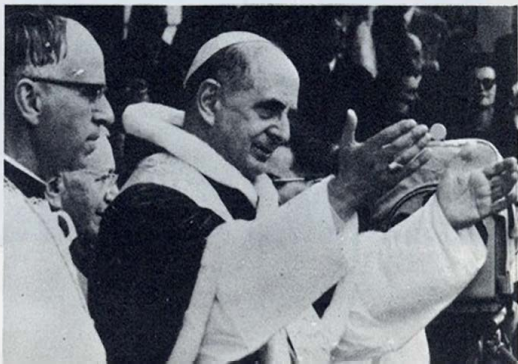
Calcula-se por baixo em mais de 150 mil o número de comunhões fora e dentro do Santuário.

A chegada a Roma, a hora tardia, depois das 10 horas da noite, aguardavam o Papa muitos milhares de pessoas que, empunhando archotes, aclamaram o Santo Padre, o Papa Paulo VI. Eis com que impressões ficou desse dia extraordinário:

«Encontrei em Portugal um povo bom e piedoso. Foi uma experiência maravilhosa que mostrou o caminho para a reconstrução do Mundo tal como o desejamos — de oração, humildade, concórdia e boa vontade.

«Pedimos à Virgem Maria a paz, e quase podemos dizer que trazemos uma resposta. Levei-vos a todos no coração ao Altar de Nossa Senhora. E de lá vos trago uma saudação e uma bênção».

«Os sentimentos do Papa expressos de novo a uma peregrinação brasileira e à delegação do Episcopado Português que lhe foi agradecer, ficaram bem manifestos nas últimas palavras que à saída, em Monte Real pronunciou em terra portuguesa e no abraço amigo e afectuosíssimo com que se despediu do Senhor Bispo de Leiria. O abraço era também para nós todos.





FÁTIMA NO MUNDO

CANADÁ

Em Mont-Laurier, no Canadá, todas as noites o Bispo da Diocese recita o Terço perante os microfones da rádio com a participação de elevado número de povo. Naquela diocese existe também uma freguesia dedicada a Nossa Senhora de Fátima, cuja igreja foi inaugurada em 1963 e tem capacidade para 600 fiéis.

É a esta diocese que pertence a escritora católica, Maria Antonieta Grégoire-Coupal, que consagrou algumas páginas a Fátima nos seus dois livros «O Carrilhão da Esperança» e «As mais belas Nossas-Senhoras do Mundo».

O povo de Mont-Laurier tem por hábito recitar depois de cada dezena do Terço a oração ensinada aos pastorinhos pela Virgem.

Notícia e fotos enviadas por Mons. André Anellette, Bispo da Diocese.

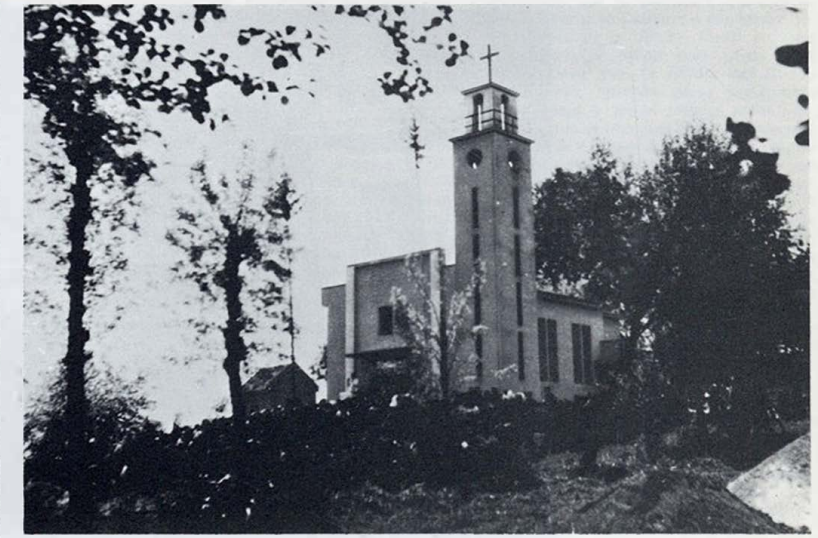


VIETNAME

O povo vietnamita mantém por Nossa Senhora de Fátima uma grande devoção. Em todas as casas cristãs se encontra, pelo menos, uma imagem da Virgem, todos os dias se reza o Terço em família, as festas de Maria são celebradas com grande solenidade bem como os meses de Maio e Outubro. Por outro lado, o centro Marial de La-Pang está continuamente a receber peregrinos vindos de todos os cantos daquele país asiático.

Na diocese de Da-Nang quase todas as igrejas possuem uma imagem de Nossa Senhora de Fátima e numa colina situada em Tra-Kien está a ser construído um Santuário em honra da Virgem de Fátima. Foi ali que segundo uma tradição popular, a Virgem Maria teria aparecido várias vezes durante as perseguições de 1855 e 1945 sob o domínio comunista.

Notícia enviada pelo Bispo de Da-Nang, (Vietname do Sul), Mons. Pedro M. Pham- Ngoc-Chi.



CHECOSLOVÁQUIA

A Checoslováquia possui também os seus santuáriosmarianos. Em Trencianska Závada paróquia de Mensová, na Diocese de Nitriense, existe uma capela pública na qual, duas vezes por ano, em 13 de Maio e 13 de Outubro, se celebra a Missa em honra de Nossa Senhora de Fátima, assistindo muitos fiéis das aldeias vizinhas.

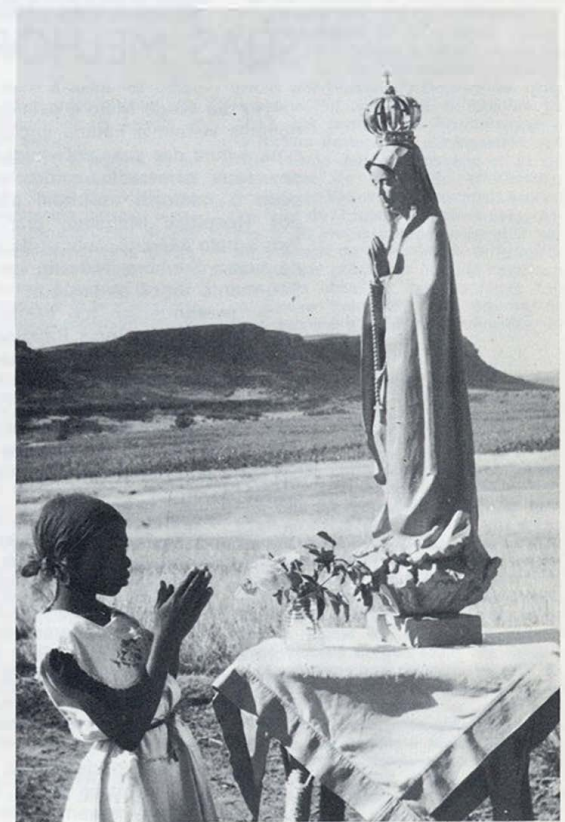
O templo foi construído em 1949 com esmolas dos fiéis.

No interior lê-se, sobre o Altar-mor, a seguinte inscrição: «Fazei penitência, evitai os pecados e não ofendais o Filho de Deus.»

Entre o povo checoslovaco está muito divulgada a reza do Terço, intercalando nas dezenas a jaculatória que a Virgem ensinou aos pastorinhos de Fátima.

Notícia e fotos enviadas pelo Administrador Apostólico de Nitriense, D. Eduardo Neiza.

ÁFRICA DO SUL



Na diocese de Belém, na África do Sul, existe uma missão dedicada a Nossa Senhora de Fátima. Situa-se no distrito de Harrismith.

Na igreja da missão de Harrismith, dedicada ao Imaculado Coração de Maria e na igreja da Missão de Mariadal existem imagens de Nossa Senhora de Fátima.

Notícia e foto enviadas pelo Bispo de Belém, P. Kelleter, C. S. Sp.





OS SOLDADOS DOENTES CONFIAM À VIRGEM SUAS MELHORAS E IMPLORAM O DOM DA PAZ

No dia 16 de Maio e pela quarta vez, os soldados doentes vieram a Fátima implorar da Virgem Santíssima a cura das suas enfermidades; sufragar as almas dos seus camaradas caídos em defesa da Pátria; pedir o conforto espiritual para todos os doentes dos Hospitais Militares; orar pela Paz no nosso País e pelo Exército, sobretudo pelo Ultramar; suplicar de Nossa Senhora, Mãe da Igreja, que acolha sob o Seu manto todos os cristãos.

A peregrinação foi presidida pelo Chefe dos Serviços de Assistência Religiosa às Forças Armadas, Tenente-Coronel Capelão Dr. Alves Cachadinha e teve a presença, além dos Capelães Militares dos Hospitais Militares de Lisboa, Porto, Coimbra e Évora, do Tenente-Coronel Soares de Oliveira, Chefe de Gabinete do Ministério do Exército e da Presidente dos Serviços Auxiliares da Cruz Vermelha Portuguesa e outras senhoras.

Os soldados pernottaram no acampamento que os militares haviam montado junto do Santuário, por ocasião da peregrinação de 13, para nele instalar os serviços auxiliares femininos da C. V. P.

Os mais graves ficaram no Hospital do Santuário. As cerimónias constaram de Procissão de Velas, Hora Santa prégada pelo Rev. Pe. Ramalho, e Missa solenizada com cânticos pelo Grupo da Obra do Soldado da Igreja da Memória, de Lisboa. Foi celebrante o Padre Dr. Alves Cachadinha que fez homília aos militares.

Embora debaixo de chuva, os militares doentes rezaram com o maior fervor à Virgem de Fátima. Algumas famílias vieram a Fátima ver os doentes.



O EXÉRCITO AZUL DE LUTO

FALECEU O SEU DIRECTOR

Rev. P.º ANDRÉ JOÃO FUHS

Com 56 anos de idade e confortado com a assistência religiosa do seu íntimo amigo o Rev. Pe. Hans que lhe deu os últimos sacramentos e na presença de sua irmã, adormeceu serenamente no Senhor no dia 22, às 2 horas da manhã, na Sede Internacional do Exército Azul, na Cova da Iria — Fátima este zeloso sacerdote alemão que dirigia superiormente essa instituição.

O Pe. Fuhs nasceu em 17 de Abril de 1911 em Elvasberg/Sarre, Alemanha. Fez os seus estudos, primeiro, na Alemanha e depois no Canadá onde foi ordenado em 2 de Abril de 1938. Trabalhou no mesmo País como Pároco dos emigrantes alemães. Em 1950 voltou para a Alemanha. Durante um ano e meio fez a meditação da manhã para os católicos na Emissora de Saarbrücken. A seguir ficou pároco em Beltheim. Começou então a organizar o Exército Azul não só na Alemanha, mas também em toda a Europa. Foi o primeiro Director Nacional da mesma organização na Alemanha e era o Secretário da Direcção Internacional.

Em 1964 veio residir para Fátima, onde dirigia a Sede Internacional do Exército Azul e se tornou incansável na propagação da Mensagem de Nossa Senhora de Fátima por todo o Mundo.

O levantamento do cadáver fez-se no dia 23, para a Basílica, onde teve solenes Exéquias presididas por Sua Ex.ª Revdma. o Senhor Bispo de Leiria com a assistência de muito clero.

Terminados os ofícios e Missa fez-se o acompanhamento para o cemitério paroquial de Fátima onde ficou sepultado em campa.

A morte do Sr. Pe. Fuhs causou uma grande consternação não só em Fátima e na Alemanha como noutros meios ligados ao Exército Azul onde era muito conhecido e muito estimado.

Deixou ficar várias obras e inúmeros artigos espalhados por várias revistas. Entre os seus livros devemos citar «Fátima e a Paz».

Fundara há pouco, com a bênção e aprovação do Senhor Bispo de Leiria, o «Apostolado de Fátima para Sacerdotes» que obteve a melhor aceitação em todo o Mundo.

A morte levou-no-lo mas fica dele a memória de um sacerdote profundamente piedoso e cheio de zelo pela glória de Deus, pelo culto de Nossa Senhora e pela salvação das almas.

CONGRESSOS MARIOLÓGICO E MARIANO DE LISBOA E FÁTIMA

Estes são, em linhas gerais, os programas dos Congressos Internacionais, Mariológico e Mariano que terão lugar em Lisboa e Fátima a partir do próximo dia 2 de Agosto.

CONGRESSO MARIOLÓGICO

Abertura, no dia 2 de Agosto, em Lisboa, no Auditório Geral da Universidade Clássica. De 3 a 7, sessões de estudo nas salas do Colégio Pio XII. As sessões plenárias terão lugar no

Anfiteatro da Faculdade de Letras ou de Direito. O encerramento será em Fátima ao mesmo tempo que se abre o Congresso Mariano.

XII CONGRESSO MARIANO INTERNACIONAL

No dia 9 de Agosto inicia-se, em Fátima, este Congresso, encerrando-se, previamente, o Mariológico. Constará de sessões de trabalho em diversas línguas e actos religiosos tais como Horas de Adoração ao Santíssimo Sacramento, Missas diversas, Via-Sacra, Terço, Procissões com a Imagem de Nossa Senhora. No programa estão incluídos alguns concertos do órgão, visitas aos lugares de interesse tais como a Loca do Cabeço, Valinhos, casas dos videntes, etc. e ainda uma oferta de flores do Mundo inteiro, bem como oferta de trigo para hóstias. O Congresso encerra-se no dia 13 com uma solene Missa de Pontifical. Tanto a um como a outro dos Congressos, especialmente ao primeiro, assistirão membros de diversas confissões cristãs não católicas, sobretudo ortodoxos, vindos de vários Países, nomeadamente do Egipto, da Síria, da Alemanha e Inglaterra.

As inscrições para ambos os Congressos fazem-se junto do Presidente da Comissão dos Congressos, Sua Excia. Revdma. Sr. Dom Domingos de Pinho Brandão, Bispo Auxiliar de Leiria — Leiria — Portugal.

Serão em breve distribuídos programas pormenorizados.

RESÚMENES

«SIGNUM MAGNUM»

Exortación Pastoral a todos los Obispos del mundo, consagrada al culto a la Virgen Maria, Madre de la Iglesia y modelo de todas virtudes.

S. Santidad Paulo VI, la víspera de su peregrinación a Fátima y con fecha de la misma, 13 de mayo de 1967, ha publicado esta exortación pastoral insistiendo en el culto especialísimo debido a la Madre de Cristo, Madre de la Iglesia, como ya la había proclamado en el Concilio Ecuménico Vaticano II, afirmando que este culto no debe subestimar lo más mínimo nuestra adoración debida a Dios, pero que es voluntad de Dios y de la Iglesia venerar de modo singular a su Madre, porque es al mismo tiempo Madre de los hombres y su Corredentora por haber sido asociada de modo muy particular a la obra redemptora de Cristo Jesus. Los motivos de este culto especial, citando muchísimos testimonios de los Santos Padres y sobretudo la Constitución Dogmática «Lumen Gentium», los resume Paulo VI en estos puntos: Maria Santísima es Madre perfecta de la Iglesia; Madre espiritual por su intercesión junto de su Hijo; Educadora de la Iglesia por la fascinación de sus virtudes; luminoso ejemplo de perfecta fidelidad a la gracia por su santidad; en las páginas de los Evangelios se pueden ver numerosos ejemplos de estas mismas virtudes; ha sido la esclava del Señor desde la Anunciación hasta su gloriosa Asunción. Por todo esto se le debe un justo culto de alabanza y gratitud.

En la segunda parte de este importante documento nos invita a la devota imitación de las virtudes de la Virgen,

afirmando que la verdadera devoción a Maria lleva precisamente a esa imitación. Por medio de la Virgen Maria se llega a la perfecta unión con Cristo. Ella es la nueva Eva, la Aurora del Nuevo Testamento, muchas veces prefigurada en el Viejo y en el mismo prometida. Su mensaje es una invitación a la oración, penitencia y temor de Dios pues según la advertencia evangélica, «si no os arrepentis todos perecereis» — Luc. 13,5 —. El propio Jesus al darnosla como Madre, la indica como modelo de la Iglesia, habiendola llenado del Espíritu Santo. También la historia de la Iglesia siempre ha sido iluminada por la presencia edificante de Maria no solo durante la vida de Cristo como también y sobretudo después de Jesus haber subido al cielo. Es aun como la bandera de la unidad y un estímulo a la perfecta fraternidad entre todos los cristianos, católicos e no católicos.

Lo que principalmente se refiere a Fátima viene expreso en las propias palabras de introducción de este documento y pasamos a transcribir: «Aprovechando la oportunidad de las ceremonias religiosas que tienen lugar en estos dias en Fátima, Portugal, en honor de la Virgen Madre de Dios, donde Ella es venerada por incontables multitudes de fieles por su Corazón maternal y compasivo. Nos deseamos una vez más llamar la atención de todos los hijos de la Iglesia para el inseparable nexo ampliamente ilustrado en la Constitución Dogmática «Lumen Gentium», para con Ella como Madre de la Iglesia, existente entre la maternidad espiritual de Maria y los deberes de los hombres redimidos.»

Y concluyendo el documento, afirma: «Y por que este año se conmemora el XXV aniversario de la solemne consagración de la Iglesia a Maria, Madre de Dios, y a su Inmaculado Corazón, hecha por Nuestro Predecesor de santa memoria Pio XII, a 13 de octubre de 1942, por ocasión del Radiomensaje a la Nación Portuguesa, consagración que Nos mismo hemos renovado el 21 de noviembre de 1964 (en el Concilio Ecuménico Vaticano II) exortamos a todos los hijos de la Iglesia a renovar personalmente su propia consagración al Inmaculado Corazón de la Madre de la Iglesia y a vivir este nobilísimo acto de culto con una vida cada vez más conforme con la Divina Voluntad y en espíritu de filial servicio y de devota imitación de su celeste Reyna.»

Roma, 13 de mayo de 1967

Paulo PP. VI

CARTA AL EMINENTÍSIMO CARDENAL LEGADO DON JOSE DA COSTA NUNES que vino en representación de S. Santidad en todas las ceremonias del inicio del 50 aniversario de las Apariciones.

En esta carta, cuyo contenido lamentamos no poder transcribir integralmente, el Papa exorta su Legado a alabar con todas veras de su alma a Maria Madre de Dios e incitar los fieles a alabarla y engrandecerla porque todas las alabanzas y canticos son pocos si se trata de la Virgen. Asi se expresa en un pasaje de la carta: «Te incumbe, en realidad, el deber de jubilosamente alabares y exaltares lo más posible a Maria, Madre de Cristo, como esplendorosísima aurora de lo cual ha nacido el Sol de Justicia, fundamento sólido de la confianza del género humano y causa de su perpétua

alegría, milagro de inefable hermosura en el plano de la naturaleza y de la gracia, corona de los Santos, Reyna del mundo, columna de la fe ortodoxa, Madre de la Iglesia, perene Auxiliadora y Salvadora del Pueblo de Dios.» Adelante, en palabras que no pueden olvidarse fácilmente: «Mientras existan ángeles y hombres, mientras Cristo sea vivo, mientras exista Dios, permanecerá para siempre, eternamente, tu Nombre, tu gloria, tu honor, ó María!»

PALABRAS PROFERIDAS POR PAULO VI A SU REGRESO A ROMA DESPUES DE SU VISITA A FÁTIMA

«He encontrado en Portugal un pueblo piadoso y bueno. Ha sido una experiencia maravillosa que me ha enseñado el camino que debe conducir a la reconstrucción del mundo tal como Nos lo soñamos, por la prece, la humildad, la concordia y buena voluntad.»

«Nos hemos ido suplicar la paz a la Virgen María y casi podemos afirmar que hemos traído una contestación.»

«Os he llevado a todos en el corazón hasta el altar de la Virgen y de allá os traigo un saludo y una bendición.»

LA APARICIÓN DE 13 DE JULIO DE 1917

Conforme la Virgen había prometido a los pastorcitos, en el día 13 de julio ha vuelto a aparecer en la Cova da Iria. Estos, sin embargo tuvieron mucho que sufrir por la incomprensión y contradicciones de parientes y vecinos. La misma Lucía andaba tan angustiada que casi estuvo resuelta a no comparecer. Todavía, movida por un irresistible impulso, fué.

Presentes unas dos a cinco mil personas según diversas estimativas, pero que nada han visto sino unos fenómenos sin importancia. Fué en esta aparición que la Virgen les prometió que haría un milagro en octubre para que todos acreditaran y les ha revelado los secretos que todos conocen en parte, como la visión del infierno para donde van las almas de los que no quieren arrepentirse y que por eso hay que rezar mucho y sacrificarse por los pecadores. Les ha dicho ser de la voluntad de Dios establecer en el mundo la devoción al Inmaculado Corazón de María como único medio de salvación para los hombres tan pervertidos y alejados de Dios. Les ha pedido también la Comunión Reparadora de los primeros sábados y la consagración de Rusia a su Corazón, por que, sino, extendería por el mundo sus malélicas doctrinas. Les ha anunciado una nueva y más terrible guerra en el pontificado de Pio XI, durante la cual muchas Naciones serían destruidas, la Iglesia perseguida, etc., en el caso de que los hombres no dejaran de ofender a Dios. Insistió con ellos para que continuasen a rezar el rosario todos los días, a ofrecer sacrificios por los pecadores y a reparar a Nuestro Señor y que no faltaran al encuentro en el mes siguiente. Resúmenes y versión castellana de O. F.

R É S U M É S

L'EXHORTATION «SIGNUM MAGNUM»

A la veille de son pèlerinage, Paul VI a adressé l'exhortation «Signum Magnum» dans laquelle il demande à tous les chrétiens de vénérer la Vierge Marie et de suivre son exemple.

Voici quelques passages du message adressé par Paul VI à l'occasion de son pèlerinage à Fátima:

Dans la première partie du document, traitant du culte à rendre à Marie, Paul VI déclare: «Dans le mystère du verbe incarné et du corps mystique, c'est-à-dire dans l'économie du salut, il apparaît évident que la Vierge non seulement comme mère très sainte de Dieu, qui prit part aux mystères du Christ, mais aussi comme mère de l'Eglise est justement honorée par celle-ci avec un culte spécial...»

«Il ne faut pas craindre poursuit le Saint-Père, que la réforme liturgique, si elle est réalisée suivant la formule: la loi de la foi doit établir la loi de la prière, puisse nuire au culte dû à Marie pour ses prérogatives... A l'opposé, non plus, il ne faut pas craindre que le développement du culte, aussi bien liturgique que privé qui lui est rendu, puisse ternir ou diminuer le culte d'adoration prêté au verbe incarné comme au Père et au Saint-Esprit...»

Après avoir exposé le mystère de la maternité spirituelle de la Vierge en soulignant que Marie se fait auprès du Sauveur l'avocate, l'auxiliairice, la médiatrice, le Pape déclare:

«Tous les fidèles ont le devoir de rendre à la très fidèle servante du Seigneur un culte de louange, de reconnaissance et d'amour, parce que suivant la douce et sage disposition divine sa généreuse coopération aux desseins de Dieu ont eu, et ont encore, une grande influence dans l'accomplissement du salut humain.»

Dans la seconde partie du document, Paul VI affirme tout d'abord que ni la grâce du rédempteur, ni l'intercession de Marie ne pourraient mener les hommes au havre de salut si l'on n'honorait Jésus et la Vierge par l'imitation de leurs vertus, d'où le devoir pour les chrétiens d'imiter les exemples du Sauveur et de sa mère céleste. Paul VI rappelle l'exhortation des pères conciliaires qui ont dit que la dévotion à Marie ne consiste ni en un stérile et passager sentimentalisme, ni dans une certaine crédulité.

«C'est imitation de Jésus Christ, indubitablement, qui est la voie souveraine à parcourir pour aboutir à la sainteté et renouveler en nous, chacun suivant ses forces, la perfection absolue du Père céleste. Mais si l'Eglise catholique a toujours proclamé une vérité si sacrée, elle a aussi affirmé que l'imitation de la Vierge, loin de distraire les âmes de la fidèle obéissance au Christ, rend celle-ci plus aisée...»

Considérant Marie comme «drapeau de l'unité et stimulant en vue de la fraternité de tous les chrétiens», le Pape exprime le vœu que son exhortation paternelle à la piété mariale, soit accueillie «avec générosité non pas seulement par les fidèles catholiques mais aussi par ceux qui en ne jouissant pas de la pleine communion avec l'Eglise catholique, admirent et vénèrent avec dans la Servante du Seigneur, la Vierge Marie, mère du fils de Dieu.»

Rappelant enfin que l'on célèbre cette année le vingt-cinquième anniversaire de la consécration au cœur immaculé de Marie de l'Eglise et du genre humain, faite par Pie XII à l'occasion du message adressé à la nation portugaise en 1942, renouvelé par il même au Concile Ecuménique Vatican II, le 21/11/64, le Pape presse les fidèles de renouveler personnellement leur consécration au cœur immaculé de la mère de l'Eglise.

QUELQUES PAROLES DE PAUL VI A SON RETOUR A ROME APRES SON PELERINAGE A FÁTIMA

«J'ai trouvé au Portugal un peuple pieux et bon. Ce fut une expérience merveilleuse, que a montré le chemin que doit conduire à la construction du monde, tel que Nous le souhaitons, par la prière, l'humilité, la concorde et la bonne volonté.»

«Nous avons demandé la paix à la Vierge Marie, et Nous pouvons presque affirmer que Nous apportons une réponse.»

«Je vous ai tous emportés dans mon cœur jusqu'à l'autel de Notre-Dame. Et de là je vous apporte un salut et une bénédiction.»

L APPARITION DU 13 JUILLET DE 1917

Plus de deux mille personnes (quatre mille ou cinq mille disent certains), arrivées de différentes directions, s'acheminaient, le matin du 13 juillet, vers la Cova da Iria, pour voir la Sainte Vierge.

Lucie, qui se tenait chez elle fermement décidée à ne pas bouger, à l'heure où il fallait se mettre en route pour arriver là-bas en temps utile, se sentit subitement poussée par une force irrésistible à se enlever et à se rendre à la Cova da Iria. Comme si elle avait été tirée par une main invisible, elle sortit de sa maison pour aller chez ses cousins Jacinte et François, étaient dans leur chambrette, en train de prier et de pleurer à genoux.

— Mais comment, vous n'y êtes pas allés?

— Sans toi nous n'avons pas eu le courage.

— Moi, je suis déjà en route!

A midi précis, précédée du même éclair, la Dame apparut. Lucie, encore sous l'impression terrible qu'il pouvait s'agir d'un piège infernal, regardait sans parler. Jacinte lui prit le bras et la secoua fortement: — Allons, Lucie, parle donc! ... Ne vois-tu pas qu'elle est déjà là et veut te parler? ...

Lucie reprit courage et formula l'habituelle demande:

«Que voulez-vous de moi?

— Repondit à peu près l'Apparition:

«Je veux que vous ne manquez pas le 13 du mois suivant et que vous récitez chaque jour le chapelet en l'honneur de la Sainte Vierge, avec l'intention d'obtenir la rapide fin de la guerre: parce que seule la Sainte Vierge peut vous venir en aide...»

La petite bergère ajouta: — «Dites-nous votre nom et faites un miracle pour que tous croient à la réalité de ces apparitions!»

L'Apparition lui dit: — «Continuez à venir tous les mois: en octobre, je dirai que je suis et ferai un grand miracle, pour que tous croient.»

La Dame continua: — «Faites beaucoup de sacrifices pour les pécheurs en répétant souvent: O Jésus, c'est pour votre amour, pour la conversion des pécheurs, et en réparation des offenses commises contre le Cœur Immaculé de Marie.»

Il fut dans cette apparition que la Vierge lui a révélée le «secret». La Vierge leur avait dit alors avec une douloureuse tristesse:

— «Vous avez vu l'enfer où tombent les âmes des pauvres pécheurs. Pour les sauver, Dieu veut établir dans le monde la dévotion à mon Cœur Immaculé. Si l'on ne le fait ce que je vous

dirai, beaucoup d'âmes se sauveront et il y aura la paix. Mais si l'on ne le fait pas, si l'on ne cesse d'offenser Dieu, la Divine Justice se manifesterà par de nouveaux et plus graves châtements. Une propagande impie répandra dans le monde ses erreurs, suscitant des guerres et des persécutions contre l'Église; beaucoup de justes seront martyrisés; le Saint-Père aura beaucoup à souffrir; diverses Nations seront anéanties ...

La guerre (1914-1918) est sur le point de finir; mais si l'on ne cesse pas d'offenser Dieu, dans peu de temps, sous le prochain Pontificat, en recommencera une autre plus terrible. Quand vous verrez une nuit illuminée par une lumière inconnue, sachez que c'est le signe, donné par Dieu, que proche est la punition du monde par ses innombrables crimes, moyennant la guerre, la famine et la persécution contre l'Église et le Saint-Père ... Je suis venue pour demander la consécration du monde à mon Cœur Immaculé et la Communion réparatrice les premiers samedis, du mois. Si l'on écoute ma demande, le fléau s'éloignera et sera moins grave ... Autrement ... Finalement, mon Cœur triomphera ...»

C'est seulement en 1941, et par pure obéissance que Lucie se décida à le manifester par écrit.

Après avoir recommandé de n'en rien dire à personne, sauf à François, Elle avait ajouté en terminant: — «Quand vous récitez le chapelet, dites à la fin de chaque dizaine: O mon Jésus, pardonnez-nous. Préservez-nous du feu de l'enfer. Conduisez au ciel toutes les âmes et aidez surtout celles qui ont davantage besoin de votre miséricorde!»

Résumés et traduction française par M. O.

SUMMARY

«SIGNUM MAGNUM»

Pastoral Appeal addressed to the Bishops of the whole world and dedicated to the cult of the blessed Virgin Mary, Mother of the Church and model of all virtues.

His Holiness Pope Paul VI on the eve of this pilgrimage to Fátima and dated dated the 13th of May 1967 issued his Pastoral Appeal, insisting on the very special devotion that should be given to the Mother of Christ, Mother of the Church, as he had proclaimed her at the Vatican Council, emphasizing that this cult neither can nor will diminish our adoration due to God, but that it is the will of God and the Church that His mother should be venerated in a special way, precisely because she is the Mother of the faithful and coredeptrix of them, as she was associated in a special way in the redemption we owe to her son Jesus Christ. The reasons and motives for this special cult the Holy Father resumes in the following points, quoting many passages from the Fathers and above all from the Constitution «Lumen Gentium»: For the most holy Virgin Mary is the perfect mother of the Church; the spiritual mother as our Mediatrix with her Son; the educator of the Church by the attraction of her virtues; by her sanctity she is a shining example of perfect response to grace. All through the pages of the Gospels we find many examples of her virtues; she was the handmade

of the Lord from the time of her Anunciation to the time of her Assumption into heaven. For all this we owe her a justified cult of praise and gratitude.

In the second part of this important Appeal we are asked to imitate with devotion the virtues of our Lady, maintaining that this true devotion to the blessed Virgin Mary leads precisely to the imitation of her example. Through our blessed Lady one attains union with Christ. She is the new Eve, the Dawn of the New Testament, many times mentioned and promised in the Old Testament. The Marian message is an invitation to prayer, penitence and the fear of the Lord, for in accordance with the gospel message «if you do not repent you all will die.» Luke 13,5 Our Lord himself when leaving her to us, as our mother, designated her as the example for the Church, having filled her with the Holy Ghost. The entire history of the Church is also brightened by the shining presence of Mary, which is true not only during Christ's life but also, and especially after Jesus had ascended into heaven.

She continues to be the criterion of unity and an insensitive to perfect brotherhood amongst all christians, catholic and non-catholic. Fatima is especially mentioned in the introduction to this Papal appeal by the following passage: «In connection with the religious ceremonies taking place during these days at Fátima in honor of the blessed Virgin, Mother of God, and as she is venerated there by a large multitude of faithful honoring her maternal and compassionate heart, we want to call the attention of all the faithful of the Church once more to the inseparable connection so clearly stated by the Dogmatic Constitution «Lumen Gentium», as regards her, the Mother of the Church, the connection that exists between the spiritual maternity of Mary and the duties of redeemed humanity.

And at the end of the Pastoral Appeal the Holy Father says: «And as we celebrate this year the 25th anniversary of the solemn consecration of the Church to Mary the Mother of God and to her Immaculate Heart by our predecessor of holy memory, Pius XII on the 13th of October 1942 on the occasion of his radio message to the portuguese people, a consecration which we repeated ourselves on the 21st of November 1964 during the Second Vatican Council we ask all the children of the Church to renew individually their own consecration to the Immaculate Heart of the Mother of the Church and to live this most noble act of praise by a life ever more in conformity with the will of God and the spirit of filial devotion and perfect imitation of their heavenly Queen.

Rome 13th May 1967
Paul P. P. VI

THE POPES LETTER ADDRESSED TO THE CARDINAL LEGATE JOSÉ DA COSTA NUNES

who came to represent the Holy Father at all ceremonies of the 50th Jubilee year taking place on the days before the 13th of May.

In this letter, which we regret not to be able to give here in its full content, the Pope exhorts his Legate to praise Mary, the Mother of God, with all the fibres of his heart and to admonish all faithful to praise and extol her, for all praise and all hymns are too little

when our blessed Lady is concerned.

Thus it is expressed in a passage of the letter: «In fact it is your purpose to praise joyfully and to exalt as much as possible Mary, the Mother of Christ, as a sparkling light of dawn from which was born the Son of Justice, the solid foundation of mankind's confidence and the cause of its perpetual joy, the miracle of indescribable beauty in the plan of nature and of grace, the crown of saints, the Queen of the world the pillar of the true faith, Mother of the Church, perpetual helper and rescuer of the people of God.»

Further on in unforgettable words he says: «As long as there will be Angels and men, while Christ is alive, while there is a God, your name, your glory, your honor, will continue for ever, oh Mary!»

WORDS PRONOUNCED BY PAUL VI ON HIS RETURN TO ROME FROM HIS PILGRIMAGE TO FÁTIMA

I found in Portugal a pious and good people. It was a wonderful experience, which showed me the way that should lead to the building of a world, the like we have dreamt, through prayer, through humility, through unanimity, and good will.»

«We came to ask for Peace from the blessed Virgin Mary and we can almost affirm that we brought an answer with us.»

«I carried you all in my heart up to the Altar of our Lady and from there I bring to you greetings and a benediction.»

THE APPARITION OF THE 13TH OF JULY 1917.

As our Lady had promised to the shepherd children, she appeared again on the 13th of July at the Cova da Iria. However they had to suffer much owing to lack of understanding and opposition on the part of their relatives and neighbors. Lucia herself was so perturbed that she almost decided not to go. But in the last moment an irresistible impulse made her go. Two to five thousand people were present according to different estimates. They saw nothing more than secondary phenomena. It was on this occasion that our Lady promised the seers that she would make a miracle to convince all people of her apparitions and revealed the secrets which all know. She showed the Hell where all the souls are found that do not want to repent; and she told them how necessary it is to pray and to bring sacrifices. She also revealed that it is God's will to establish in the world the devotion to her Immaculate Heart as the only means of salvation for men and requested them to start the First Fridays of HI. Communion in reparation and the consecration of Russia to her Heart, otherwise Russia not being converted, would spread her malicious doctrines. She also informed them that another and more terrible war would break out during the reign of Pius XI, by which many nations would be destroyed and the Church suffer persecution unless they would cease offending our Lord. She asked them to continue to pray the Rosary and offer up sacrifices for the sinners and to make reparation to our Lord and not to fail to be present for the next encounter with her next month.

Summary by M. F. English's translation by Count Czernin.

FÁTIMA-50

INTERNATIONAL

Ano I - Nº 3 13/Julho/1967

REVISTA MENSAL DE ACTUALIDADES,
DOCUMENTAL E ILUSTRADA
(ESPAÑOL, FRANÇAIS, ENGLISH)

Editor e Director: Cón. Dr. JOSÉ GALAMBA DE OLIVEIRA
Chefe de Redacção: Dr. MÁRIO MANUEL D'OLIVEIRA FIGUEIREDO
Propriedade do SANTUÁRIO DE FÁTIMA
Dir. Literária e Artística: MÁRIO DE FIGUEIREDO
Redacção, Administração e Publicidade: SANTUÁRIO DE FÁTIMA FÁTIMA — PORTUGAL . Telef. 97223
PREÇÁRIO (pagamento adiantado): Assinatura anual (12 números) — 100\$00 — Exemplar avulso: 10\$00 Ultramar, Espanha e Brasil — Assinatura anual: 120\$00 Outros países — Assinatura anual: 130\$00 PRIX D'ABONNEMENT-12 números (un an): 130\$00 Les paiements peuvent être effectués en devises étrangères au taux du jour. SUBSCRIPTION RATES-Series of 12 copies (1 year): 130\$00 — Payment may be made in any currency at rate of exchange of the day. SUSCRIPCIÓN ANUAL: 120\$00. El pago puede hacerse efectivo mediante giro postal o cheque bancario.
Aceita-se publicidade, seleccionada. Preços a combinar.
Fotos: capa de Augusto Cabrita; contra-capa e centrais da M. P.; verso da capa de Luis Cabral; verso da contra-capa: Arquivo do Santuário; restantes fotos a cores de Mário de Figueiredo; fotos a preto e branco do Arquivo do Santuário.
«FÁTIMA-50» declina toda a responsabilidade sobre os originais que não forem solicitados directamente. Não obstante agradece toda a colaboração espontânea que, se for conveniente, será devidamente retribuída.
Composto e impresso por GRIS, IMPRESSORES, S.A.R.L., Lisboa/Cacém.

SERVIÇOS DE ADMINISTRAÇÃO

Toda a correspondência que diga respeito a assinaturas, remessa de revistas, cartas, reclamações, etc., deve ser enviada à Administração de FÁTIMA — 50, Fátima. O nosso telefone é o 97223, rede de Torres Novas. A direcção telegráfica, é: «CINQUENTENÁRIO». Ao enviarem qualquer importância em dinheiro, pelo modo que seja, agradecemos nos indiquem claramente se se trata do pagamento de uma assinatura já feita ou para uma nova ou ainda se é para o envio de certa quantidade de exemplares de determinado número da revista. Provavelmente, devido à organização ainda não completa dos serviços administrati-

vos, haverá remessas em duplicado. Nesse caso agradecemos aos nossos estimados assinantes ou leitores eventuais se dignem devolver-nos um dos exemplares recebidos, indicando o motivo da devolução, não seja que consideremos o facto como desistência da assinatura.

NOVAS ASSINATURAS

A todos quantos tomaram contacto com FÁTIMA — 50 nestes três primeiros números e que, gostando, podem já constatar que a revista não é apenas uma promessa que não correspondia à realidade, mas é de facto uma consoladora realidade, aconselhamos que façam quanto antes a sua assinatura, indicando desde que número desejam começar a recebê-la e ainda que nos ajudem a conseguir novos assinantes, mostrando-a aos seus amigos.

Precisamos, para manter o nível com que principiámos e continuamos a publicar a revista, de pelo menos 20 000 assinantes e por ora apenas contamos com 1000. Doravante esperamos que os nossos assinantes passem a receber a sua revista no dia 13 de cada mês ou até antes.

PUBLICIDADE

FÁTIMA-50 reserva 4 páginas para publicidade seleccionada. As pessoas ou empresas interessadas podem pedir à nossa Administração a respectiva tabela de preços e contratos de publicidade para mais do que uma inserção. Podemos informar com sinceridade que a revista atinge já todo o território nacional continental, insular e ultramarino e está a invadir o Brasil e outros Países de língua francesa, espanhola e inglesa, tanto dentro como fora da Europa. Do primeiro número fizemos uma tiragem de 25 000 exemplares de que apenas nos restam 3000 reservados para os futuros assinantes que desejem possuir a revista desde o início. Do segundo número editamos 30 000 exemplares que estão praticamente vendidos. Deste terceiro número tiramos 25 000 exemplares. Daqui se pode concluir a esplêndida aceitação obtida por FÁTIMA-50 e portanto do enorme valor da publicidade nela inserida.

AGRADECIMENTO

Agradecemos, desvanecidos mas sem vaidade, quantos aplausos temos recebido pela apresentação e oportunidade da publicação da revista, muitos dos quais excessivos, sem dúvida, mas ditados por um desejo grande de nos animar e ajudar, ao mesmo tempo que desejam que por meio dela Nossa Senhora seja mais conhecida e amada e a Mensagem de Fátima chegue aos quatro cantos da Terra, tão necessitada de a ouvir e pôr em prática.

O nosso agradecimento dirige-se ainda a todos aqueles que, da melhor vontade e sem qualquer interesse material nos têm ajudado a colocar a revista e dá-la a conhecer. Neste aspecto poderíamos salientar muitos exemplos edificantes, mas não queremos ferir a sensibilidade daqueles que trabalham desinteressadamente e apenas movidos por sua devoção a Nossa Senhora de Fátima, há cinquenta anos aparecida na nossa Terra e há cinquenta anos derramando copiosas graças e bênçãos não só sobre os portugueses como sobre os homens do Mundo inteiro que vêm a Fátima ou de longe a veneram.

A ADMINISTRAÇÃO



